idp
Instituto Brasiliense
de Direito Público
A CONSTRUÇÃO DOS
DIREITOS FUNDAMENTAIS
E A ESPERANÇA
Da África do Sul ao Brasil

Saul Tourinho Leal

A CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS E A ESPERANÇA

Da África do Sul ao Brasil

IDP

Brasília

2014

Ruy Baron / Valor Econômico

SAUL TOURINHO LEAL integra o time de Pinheiro Neto Advogados, com atuação voltada para o Supremo Tribunal Federal. É doutor em Direito Constitucional pela PUC/SP e professor do Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP), em Brasília. Participou do programa *visiting researcher* na universidade Georgetown, em Washington, no inverno de 2011-2012. A convite da Comissão de Implementação da Constituição do Quênia, esteve no país na conferência sobre participação popular, em setembro de 2012, quando falou sobre o "Ativismo Judicial das Virtudes". Recentemente, esteve na África do Sul, na companhia de Albie Sachs, juiz da Corte Constitucional daquele país. A temporada ganhou uma série especial no blog *Os Constitucionalistas*, chamada Jurisdição Constitucional na África do Sul. É autor dos livros: *Controle de Constitucionalidade Moderno* (Impetus); *Ativismo ou Altivez? O outro lado do STF* (Fórum); *Katiba – Vivendo o Sonho do Quênia: O constitucionalismo da esperança na África contemporânea* (Impetus); e *Direito à Felicidade: Filosofia, História, Teoria, Positivação e Jurisdição* (Impetus). Seus estudos sobre Ativismo Judicial foram divulgados pela TV Justiça, no programa Saber Direito. Já suas pesquisas sobre direito à felicidade foram reputadas "preciosas" pelo ministro Celso de Mello, do STF, em seu voto no *leading case* que possibilitou o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Integra a Comissão Nacional de Estudos Constitucionais do Conselho Federal da OAB, é pesquisador associado ao Centro Brasileiro de Estudos Constitucionais e membro do *British Institute in Eastern Africa.* Ele escreve em seu blog Fio da Meada, no portal do jornal Valor Econômico: http://www.valor.com.br/legislacao/fio-da-meada. E-mail: saultourinho@gmail.com

Expediente:

Editoração: Ana Carolina Figueiró Longo

Edição: Instituto Brasiliense de Direito Público

Capa e projeto gráfico: Stéfano Pessoa de Lima

Leal, Saul Tourinho.
A construção dos direitos fundamentais e a esperança: Da África do Sul ao Brasil / Saul Tourinho Leal. Disponível no
http://www.idp.edu.br/publicacoes/portal-de-ebooks/2266-a-construcao-dos-direitos-fundamentais-e-a-esperanca-da-africa-do-sul-ao-brasil
Brasília: IDP, 2014.

112p.

ISBN 978-85-65604-34-5
DOI 10.11117/9788565604345

1. Esperança 2. África do Sul 3. Apartaid 4. Políticas Sociais I. Título.

CDD 341.2

Para aqueles que, exaustos,

pensam em desistir.

APRESENTAÇÃO

Na África do Sul, foram pessoas de carne e osso, mas de trajetórias extraordinárias como Nelson Mandela e Albie Sachs, que fizeram a diferença. Na Índia, líderes da dimensão de Mahatma Gandhi e Jawaharlal Nehru guiaram sua gente ao caminho da liberdade. Nos Estados Unidos, Thomas Jefferson, o reverendo Martin Luther King e o ativista gay Harvey Milk gravaram seus nomes na história graças à luta por direitos. O que pessoas de perfis tão diversos, mas com legados gigantescos têm em comum? Esse livro dá a resposta: a esperança. Graças a esse sentimento grandes cidadãos conseguiram pavimentar o caminho rumo à construção de direitos fundamentais a serem desfrutados pelas mais variadas camadas da sociedade. Estamos falando de grupos que, em contextos completamente diferentes, necessitavam da justiça para pôr fim a um tempo cruel que parecia não acabar jamais.

Conduzida por esta convicção, esta obra se propõe a percorrer episódios, cenários e circunstâncias nas quais a esperança deu o tom da luta por um amanhã melhor e mais justo. Foi na África do Sul, no final de 2013, no funeral de Nelson Mandela, que foi encontrada a inspiração. O sentimento possibilitou descrever tudo o que compôs esse importante momento histórico, bem como desenvolver a temática da esperança na construção contemporânea dos direitos fundamentais.

À medida que o entusiasmo resplandecia, um inimigo poderoso aparecia: o ódio seguido da revanche. Não há como não surgir os efeitos colaterais gerados pelo incitamento, por parte dos líderes, a que os cidadãos se dividam e briguem entre si. Uma nação fragmentada e conduzida pelo ódio não pode encontrar outro refúgio futuro que não seja a revanche. O Zimbábue e a Líbia são exemplos de países onde o ódio conduziu a acertos de contas intermináveis. No Zimbábue, uma divisão profunda estimulada pelo próprio presidente, Robert Mugabe. Na Líbia, uma separação feita pela ditadura de Muammar Kadhafi que gerou revoltosos absolutos espalhados pelas ruas.

A trajetória da África do Sul é apresentada com suas conquistas em relação à união da população, à luta por igualdade e à manutenção de um estado de reconciliação, exemplo para todos, quando considerado em seu contexto. Abordando o legado de Nelson Mandela na luta contra o *apartheid*, sua prisão é narrada, passando pela temporada de 27 anos encarcerado, até chegar à presidência do país. Ao final, com uma Constituição generosa, em 1996, a nação seguiu o caminho da reconciliação, fundamental no processo de aproximação de um povo dividido por tanto tempo.

A obra, então, volta sua atenção para o Brasil. A intenção é demonstrar que episódios recentes, como a escolha do país para sediar a Copa do Mundo de 2014, a implementação do Programa Mais Médicos, as manifestações de junho de 2013 conhecidas como "O Gigante Acordou" e o movimento *Black Blocs*, resultam de um modo autoritário de governar espalhado por quase todas as esferas de poder, distante da população em geral e, principalmente, da juventude urbana que não compreende a razão de suas vidas parecerem condenadas.

Um novo amanhã só será construído com base na união das pessoas, motivadas pela esperança e dispostas a resistir e continuar a luta por direitos fundamentais. Desta forma, haverá a reconciliação do país. Líderes políticos que apostam na divisão, que sustentam o discurso do "eles contra nós", que incitam ou toleram a violência contra cidadãos ativos, devem se conscientizar que estão plantando sementes do ódio que inevitavelmente floresceirão.

A Construção dos Direitos Fundamentais e a Esperança: Da África do Sul ao Brasil é uma obra leve, mas com profundidade teórica, fácil de ser lida, mas sem desconsiderar argumentos importantes, numa boa união entre teoria e prática. A leitura chama as pessoas a persistirem em suas convicções por esperança, a insistirem pacientemente na busca por um amanhã mais justo e a compreenderem que quando este dia chegar, a felicidade pública virá com a reconciliação de todos. Boa Leitura!

SUMÁRIO

Idp
MESTRADO

1. AO FUNERAL

Eu estava na Cidade do Cabo no final de 2013 e uma grande homenagem seria prestada durante o funeral de Nelson Mandela. O Grand Parade, diante da sede do Parlamento, era anunciado há dias. Estava decidido a acordar cedo naquele domingo, pegar a van que faz o transporte público e ir até o centro deixar flores. Eu tinha levado uma bandeira do Brasil e achei por bem tê-la comigo.

"Grand Parade! Grand Parade!" – gritou o cobrador, abrindo a porta com o carro ainda em movimento.

"Eu irei!" – berrei, com a mão levantada, sob um sol digno de sertão brasileiro. O motorista freou bruscamente uma daquelas vans Toyota que fazem o transporte público na Cidade do Cabo. Enfronhei-me no meio do monte de gente. Antes que eu sentasse, a porta já havia sido fechada, o motorista arrancara bruscamente e o cobrador passava a gritar mais uma vez: "Grand Parade! Grand Parade!".

Depois de me acomodar quase sobre o colo de uma senhora, sentada ao meu lado com flores nas mãos, voltei a pensar. Eu estava convencido de que a esperança é a emoção pulsante da trajetória constitucional da África do Sul e que essa marca será irradiada para muitas outras nações, estabelecendo um novo caractere da luta por direitos fundamentais neste século. O processo foi marcado pela convicção de que o medo havia dado espaço para a superação das dores do passado.

"Thank you!" – eu terminava de falar, quando a porta da van foi fechada com força, fazendo um estrondo. O motorista, como de praxe, arrancou com o cobrador de pé, com a cara enfiada para fora da janela, gritando o trajeto seguinte. Paguei 4 rands pela corrida, o equivalente a R$ 1,00. Saltei diante da estação central de trem, um lugar vibrante, barulhento e repleto de gente, como toda rodoviária ou estação de metrô nas grandes cidades. Era hora de prestar minhas homenagens.

2. A INSPIRAÇÃO AFRICANA

"Por favor, não nos machuque. Nós não temos hospitais"[1].

Nelson Mandela

"Esperança é uma arma poderosa e nenhum poder na Terra pode lhe privar dela" – escreveu Nelson Mandela em 23 de junho de 1969, numa carta a sua então esposa, Winnie Mandela, enquanto estava preso na ilha Robben, na Cidade do Cabo. Dia 15 de dezembro de 2013, aos 95 anos, ele seria sepultado em Qunu, uma aldeia num vale estreito repleto de campinas, cortado por riachos de água cristalina e rodeado de colinas verdejantes, onde passou a infância na companhia de seus pais. A atmosfera da África do Sul, ao contrário do que se supunha, era de celebração. Não havia desespero. Todos reverberavam um sentimento de profundo orgulho.

O jovem da etnia *isiXhosa*, virou um advogado militante e, posteriormente, um ativista político capaz de grandes renúncias pelo compromisso de livrar o seu povo do *apartheid*, o modelo da colonização promovida pela Grã-Bretanha que dividia o país em dois grupos: os dos brancos europeus e o dos não-brancos. "Dois mundos na mesma cidade, contudo totalmente separados, unidos pelo sofrimento e não pela esperança, e eu não vivia inteiramente em nenhum deles"[2] – afirma Albie Sachs,

---

[1] Todas as frases que abrem os capítulos relativos ao marco teórico da esperança foram tiradas aleatoriamente de cartazes que compunham o movimento "O Gigante Acordou", fenômeno impregnado por uma coragem esperançosa vivido no Brasil em junho de 2013. O movimento teve como estopim o aumento de R$0,20 centavos na tarifa do transporte público na cidade de São Paulo, o que fez com que milhões de pessoas marchassem nas ruas protestando contra as condições de vida no país. Dia 21 de junho, a presidente da República, Dilma Rousseff, cancelou uma viagem oficial e fez um pronunciamento anunciando uma nova constituinte para fazer uma reforma política. Depois de uma onda de protestos contra a tentativa, desistiu da ideia. Mais informações em: http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/o-ano-em-que-o-gigante-acordou?page=1

[2] SACHS, Albie. The Strange Alchemy of Life and Law. London: Oxford University Press, 2009, p. 02.

um grande combatente da liberdade que posteriormente foi indicado para a Corte Constitucional da África do Sul por Mandela, de quem falaremos mais à frente.

De Soweto, nos arredores de Johannesburgo, Mandela, aquele homem alto, forte, carismático, praticante de boxe, que cultivava hábitos refinados, deu uma demonstração do seu caráter diante da condenação iminente à pena de morte. “Lutei contra a dominação branca e lutei contra a dominação negra” - disse. “Tenho cultivado o ideal de uma sociedade livre e democrática na qual todas as pessoas vivam juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal no qual deposito a esperança de viver e alcançar. Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer” – foi a última declaração diante do juiz que tinha a sua vida nas mãos.

No tribunal, 150 lugares eram destinados a não-europeus. Mandela cerrou o punho da mão direita, ergueu-o e gritou: “Amandla!”. A palavra da língua *isiXhosa* significa “poder”. A massa respondeu: “Ngawethu!” (“Para nós!”). O juiz bateu o seu martelo exigindo ordem. Posteriormente, ao proferir o veredicto, ele converteu a pena de morte por crime de sabotagem em prisão perpétua. Nelson Mandela saiu acorrentado pelas mãos e pés, vestindo a roupa de guerreiro da sua etnia. A *kaross* consiste numa pele de leopardo, tradicional aos *isiXhosa*. Era dia 12 de junho de 1964.

Dentro do furgão negro, passando no meio dos que seguiam em vigília diante do tribunal, Mandela e seus companheiros mostraram os punhos cerrados através das barras da janela do veículo. “Era a esperança de que a multidão conseguisse nos enxergar, não sabendo se ela conseguiria”[3] – anota Mandela. A multidão enxergou e entoou o hino “Nkosi Sikelel’ iAfrica” (Senhor, abençoe a África). Uma das exortações diz: “Senhor, abençoa a nossa nação. Faça cessar as guerras e o sofrimento”.

[3] MANDELA, Nelson. Longa Caminhada até a Liberdade. Tradução Paulo Roberto Maciel Santos. Curitiba: Nossa Cultura, 2012, p. 462.

A cena do povo em catarse na rua mostra que há uma psicologia por trás do grupo. Nas palavras de Sigmund Freud, consiste numa "psicologia de massas" que "trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para certo fim"[4]. Para Freud, "em estados de exceção, produz-se numa comunidade o fenômeno do entusiasmo, que torna possível as mais grandiosas realizações da massa"[5]. É o surgimento da esperança como fator de aglutinação de uma comunidade que luta por objetivos comuns: a construção dos direitos fundamentais.

Quase três décadas depois, livre, Nelson Mandela propôs a reconciliação. "Peguem suas armas, suas facas, suas 'pangas', e joguem ao mar. Eles me deixaram preso 27 anos e eu os perdoei. Se sou capaz de perdoar, vocês também são!"- ordenou, em cadeia nacional de televisão, em 1990, enquanto o país se desmanchava em sangue na luta entre brancos e negros, e também entre os próprios negros de etnias diversas, como os sangrentos conflitos entre os *Zulu*, os *isiXhosa* e os *Inkatha*. A iniciativa introduziu o novo componente das lutas e das revoluções em busca de direitos fundamentais do final do século XX e início do século XXI: a esperança.

A esperança da luta sul-africana

É sempre recomendado começar pelo começo. O que seria a esperança? Qual o conceito de medo? Como trabalhar esses dois opostos? Para John Locke, "esperança é o prazer que cada um constata na própria mente quando pensa na probabilidade futura de desfrutar de algo dado ao deleite". O medo, por sua vez, seria "o

---

[4] FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 15.

[5] FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 33.

incômodo da mente quando pensa num improvável mal futuro"[6]. É com base nessa acepção que trabalharemos ao longo desta obra a questão da esperança. O medo, como veremos, aparecerá muitas vezes e sua conceituação também vem de Locke.

É fundamental que mantenhamo-nos unidos, esperançosos e crentes de que o ser humano nasceu para o bem, para a justiça e para alcançar a sua felicidade. Apesar de todos os convites à desesperança, é preciso resistir. Como inspiração, vale lembrar do que disse Nelson Mandela, ao afirmar que mesmo durante os momentos mais sombrios na prisão, quando ele e os seus companheiros foram levados ao extremo dos seus limites, ele enxergava um vislumbre de humanidade em um dos guardas, talvez por apenas um segundo, mas o suficiente para se manter esperançoso e continuar vivendo. "A bondade do homem é uma chama que pode ficar escondida, mas nunca apagada"[7] – registrou Mandela.

A esperança é tão poderosa que Dante Alighieri, na Divina Comédia, ao descrever a entrada do inferno, põe o poeta Virgílio a ler a advertência: "Deixai toda a esperança, ó vós que entrais!". Sem ela, vem o desespero, que é o próprio inferno. "A esperança é talvez o próprio tecido de que nossa alma é feita. É a respiração da alma"[8] -, afirmou Gabriel Marcel. Não foi fácil manter acesa a chama diante de tudo o que foi feito de cruel, opressor e repugnante nos países africanos durante o *apartheid*.

---

[6] LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. Tradução, apresentação e notas Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2012, p. 238.

[7] MANDELA, Nelson. Longa Caminhada até a Liberdade. Tradução Paulo Roberto Maciel Santos. Curitiba: Nossa Cultura, 2012, p. 761.

[8] Em Homo Viator: prolégomènes a une métaphysique de l'esperance, de 1944, Gabriel Marcel dedica um capítulo ao estudo da esperança. Ver: MARCEL, G. (1944). Homo Viator: prolégomènes a une métaphysique de l'esperance. Paris: Aubier.

O sentimento que uniu Nelson Mandela a Martin Luther King

"Hoje, todos nós, com a nossa presença aqui... outorgamos glória e esperança para uma liberdade recém-nascida" – disse Nelson Mandela, em 10 de maio de 1992, no ato de posse como presidente da África do Sul, num anfiteatro de arenito, formado pelos *Union Buildings*, em Pretória. Dias antes, no salão do Hotel Carlton no centro de Johannesburgo, ele dividia o pódio com a senhora Coretta Scott King, esposa do outro grande guerreiro da liberdade, Martin Luther King Jr. Estavam unidos a uma multidão que comemorava a vitória nas eleições.

O encontro era bastante simbólico. Martin Luther King, no discurso "Eu Tenho um Sonho", finalizou com a frase: "Com esta fé nós poderemos cortar da montanha do desespero uma pedra de esperança". Esta convicção se tornou imortal. Sthéphane Hessel diz que a mensagem de Nelson Mandela e de Martin Luther King "é uma mensagem de esperança na capacidade das sociedades modernas ultrapassarem os conflitos por meio de uma compreensão mútua e de uma paciência vigilante. Para alcançá-la, devemos nos basear nos direitos, cuja violação, qualquer que seja o autor, sempre há de provocar nossa indignação"[9].

O estado da arte sul-africano

Os países africanos são os últimos bastiões da colonização europeia, cujo processo de independência foi acelerado nos momentos finais da Guerra Fria. Esse é um fato muito presente no inconsciente coletivo do continente. O processo de emancipação política das colônias teve início na década de 1950 e ápice em 1960, o *Ano da África*,

[9] HESSEL, Stéphane. Indignai-vos! Tradução: Marli Peres. São Paulo: Leya, 2011, p. 32.

quando dezessete nações tornaram-se independentes. No caso da África do Sul, a década de 1990 foi especial. É dela que extraímos a inspiração para esse texto.

A esperança na luta por direitos fundamentais é paciente, porque acredita que o futuro propiciará a concretização de suas convicções. Apesar do engajamento e da firmeza, sabe que a violência a corrompe, razão pela qual dela deve se afastar. Além disso, reconhece o valor da ajuda recíproca ao grupo interessado em dias melhores, ainda que haja, em alguns pontos, divergências. É um movimento moderno, composto por ações no final do século XX e início do século XXI, que compreende o mundo dos direitos fundamentais como algo de valor e pelo qual se deve lutar. Sua marca é a experiência exitosa de reconciliação em países africanos, como a África do Sul.

Lutar esperançosamente por direitos fundamentais desejando a reconciliação de um povo que foi dividido pelos seus próprios líderes: Esse é um ideal pelo qual é justo, e nobre, lutar. E esta é uma luta que já começou.

3. O RAMALHETE

Eu só trazia comigo, para o funeral de Nelson Mandela, a bandeira do Brasil. Precisei comprar flores. Por trás do Parlamento, encontrei uma banca com as mais lindas delas. Comprei um belo ramalhete. Do campo, recém-colhidas, de cores fortes e um perfume natural muito agradável, elas estabeleciam a transição do ar fúnebre de um enterro para a atmosfera sublime da chegada ao paraíso esperado.

"É para Madiba?" – perguntou a senhora.

"Isso mesmo!" – respondi.

Ela, com um pano sobre a cabeça que me impedia de ver seus cabelos e vestindo saias longas de comprimento que alcançava os pés, se levantou da cadeira e foi vagarosamente até o fundo da banca. Era uma senhora negra, forte, como as mulheres que compuseram a minha infância, em Nazaré do Piauí. Ouvi que cantava algo que me fez recordar de cânticos religiosos com os quais eu estava acostumado. Ela atravessou a viela estreita que se formava dentro de sua banca cercada pelas flores e pelos vasos à venda. Caminhava lentamente, com as ancas largas em movimento. De lá voltou com um ramalhete maior e mais bonito.

"Leve este!" – diz, com um inglês tomado pelo forte sotaque africano.

"Obrigado!". Peguei o ramalhete, paguei 20 rands e parti.

4. RECONCILIAÇÃO OU REVANCHE?

"Direita? Esquerda? Eu quero é ir pra frente"

Como um presidente revanchista fez a sua gente passar fome

"O ódio a uma pessoa ou instituição determinada poderia ter efeito unificador e provocar ligações afetivas semelhantes à dependência positiva"[10] – afirma Freud. Do outro lado da esperança, há o medo. Em polo oposto à reconciliação, a revanche. Onde o perdão não encontra espaço, o que floresce é o ódio.

O cultivo do ódio e da violência em alguns países africanos fez com que a implementação de uma nova ordem constitucional servisse para instrumentalizar e oficializar a revanche, como no Zimbábue. Deixou-se para trás o ideal de reconciliação.

Desde 1980, o país é governado por Robert Mugabe, um herói – líder guerrilheiro alçado ao poder em eleições livres -, que acabou com a supremacia branca e, depois, se transformou num autocrata rancoroso que governa com o dedo enfiado em cicatrizes não curadas. Ele teve um início de caminhada tão esplendoroso como o de Nelson Mandela. Ambos são líderes africanos negros que desafiaram a prepotência da colonização e do *apartheid*. Mesmo com formação intelectual, passaram a travar uma luta contra o império valendo-se da resistência armada. Os dois, após conquistarem a liberdade, foram honrados por multidões às ruas. Nas eleições seguintes, livres e com a participação negra, elegeram-se presidentes. Contudo, enquanto Mandela suportou o caminho da reconciliação, Mugabe sucumbiu e abraçou a revanche. Um acreditou e

---

[10] FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 55.

manteve uma Constituição livre. O outro, diante dos complicadores que a política lhe apresentou, preferiu a força.

Em 2000, as urnas derrotaram Robert Mugabe num referendo para a aprovação de uma nova constituição visando implementar uma reforma agrária racista. Mugabe mesmo assim o fez, escapando dos limites constitucionais. A *Fast Track Land Reform Programme* tirava as terras das mãos dos brancos e a entregava aos negros[11]. De fato, o país convivia com uma imensa concentração de terra nas mãos dos brancos que não abriam espaço para negociação. Contudo, o que Mugabe fez foi radical: ele pôs fim às fazendas responsáveis pela produção de alimentos. A tecnologia, *expertise*, logística e liderança dos brancos começaram a fazer falta.

A destruição da indústria da agricultura acabou com um setor que fornecia metade das divisas do país. O resultado foi o colapso da economia, a expansão da fome, surtos de inflação e um índice de desemprego que alcançou 94%. A situação foi alvo da atenção de David Schmidtz, para quem "Robert Mugabe e seu exército estão erguendo tendas em qualquer lugar que lhes agrade e qualquer horta dos fundos preferiria estar em algum outro lugar", afirmando ainda que ocorre no país uma "catástrofe", já que, lá, os direitos de propriedade "desmoronam"[12].

Esses efeitos desastrosos podem ser explicados pelas lições de Freud, para quem "o pânico nasce pela intensificação do perigo que afeta a todos, ou pela

---

[11] A trajetória de Robert Mugabe associada ao Zimbábue pode contar com um estudo aprofundado por meio da leitura das seguintes obras: GODWIN, Peter. The Fear – The Last Days of Robert Mugabe. London: Picador, 2010. DUBIN, Steve C. Spearheading Debate: Culture Wars & Uneasy Truces. Cape Town: Jacana, 2012. MOORCRAFT, Paul. Mugabe´s War Machine. Cape Town: Jonathan Ball Publishers, 2012. HOLLAND, Heidi. Dinner with Mugabe: The untold story of a freedom fighter Who became a tyrant. Johannesburg: Penguin Books, 2009. Especificamente sobre a Reforma Agrária, recomendo Zimbabwe´s Land Reform – Myths & Realities. Cape Town: Jacana, 2011.

[12] SCHMIDTZ, David. Os elementos da justiça. Tradução de William Lagos; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 317.

cessação dos laços afetivos que mantêm a massa coesa"[13]. Sem a manutenção dos laços, não há coesão e, sem ela, a sensação de perigo é palpável, abrindo espaço para o medo.

O medo como instrumento político e o Bolsa Família

O Bolsa Família é um programa de transferência de renda para quem é pobre (renda mensal por pessoa entre R$ 77,01 e R$ 154) ou extremamente pobre (renda mensal por pessoa de até R$ 77)[14]. Nasceu da união de benefícios do governo Fernando Henrique Cardoso, mas hoje é um gigante de alma própria. São R$ 20,6 bilhões pagos a 14,1 milhões de famílias, alcançando 36 milhões de pessoas. Ele empodera os incrivelmente necessitados sem custar sequer 1% do orçamento da União. Em Bangladesh, o economista ganhador do Prêmio Nobel, Muhammad Yunus, fez uma revolução concedendo microcrédito às mulheres pobres: "Quando o crédito era concedido às mulheres, produzia mais rapidamente mudanças do que quando ia para os homens"[15] - registrou Yunus, frisando que elas eram atores privilegiados do desenvolvimento. O Bolsa Família é entregue preferencialmente às mulheres.

---

[13] FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 51-52.

[14] O Programa Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco de atuação os milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R$ 70 mensais e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos.

Todos os meses, o governo federal deposita uma quantia para as famílias que fazem parte do programa. O saque é feito com cartão magnético, emitido preferencialmente em nome da mulher. O valor repassado depende do tamanho da família, da idade dos seus membros e da sua renda. Há benefícios específicos para famílias com crianças, jovens até 17 anos, gestantes e mães que amamentam. A gestão do programa instituído pela Lei 10.836/2004 e regulamentado pelo Decreto nº 5.209/2004, é descentralizada e compartilhada entre a União, estados, Distrito Federal e municípios. Mais informações em: http://www.mds.gov.br/bolsafamilia

[15] YUNUS, Muhammad. O banqueiro dos pobres. Tradução Maria Cristina Cupertino. São Paulo: Ática, 2006.

Amartya Sen, outro economista ganhador do Nobel, acredita no desenvolvimento como liberdade, pois acaba com as privações que convertem cidadãos em pobres diabos. No Bolsa Família, recebe-se o dinheiro, o que faz com que cada família seja a juíza de suas próprias necessidades. Isso é liberdade. Em regra, o benefício serve como complemento da renda, possibilitando que o beneficiário persista em suas atividades, como a venda nas feiras locais, migrando, inclusive, para a formalidade. Isso é desenvolvimento. Nessa ótica, até Adam Smith aprovaria-o.

Há imposições quanto à saúde: as mulheres entre 14 a 44 anos, se gestantes ou lactantes, têm de fazer o pré-natal e o acompanhamento da sua saúde e do bebê. Também quanto à educação: Crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos devem estar matriculados e com frequência escolar mensal mínima de 85%. Estudantes entre 16 e 17 anos devem ter frequência de, no mínimo, 75%.

Outra vantagem é o fim dos coronéis regionais. Antes, eram para eles que os necessitados corriam. Em troca, davam-lhes votos. Hoje, a benção ao "painho" ou ao "padrinho" foi substituída por um cartão magnético. Mas há pontos negativos.

A propagação do medo como instrumento de alienação e, consequentemente, de dominação, é uma prática frequente no Brasil. Principalmente por parte de líderes que pretendem, com o pânico, intimidar as expectativas dos cidadãos. Nisso, aparece o Bolsa Família. Para ilustrar, vale mencionar o episódio ocorrido na cidade de Barra do Corda, Estado do Maranhão, em maio de 2014, tendo como protagonista o pré-candidato a governador, senador Edison Lobão Filho. Ao lado de lideranças políticas da região, em cima de um palanque, ele disse: "Prefeito, eu estou preocupado. Eu estou preocupado. Estou preocupado, porque o candidato a presidente da República, Aécio Neves, declarou antes de ontem que ele é contra o Bolsa Família". Em seguida, pergunta: "Quem de vocês aqui gosta do programa Bolsa Família levanta

mão?”. O povo, embaixo, levantou os braços, sacudiu as mãos e gritou: “Eu!”[16]. Sempre a arma do medo. Essa emoção é o que mantém no atraso locais em todo o mundo, seja o distante Zimbábue, seja o Estado do Maranhão. Esse uso político é abominável.

Dia 20 de maio de 2013, dezenas de milhares de pessoas, a maioria mulheres, abarrotaram as agências da Caixa Econômica Federal e casas lotéricas tentando sacar o benefício, assustadas por um boato sobre o cancelamento do programa. Eram idosas, gestantes, crianças, cadeirantes, deficientes físicos e trabalhadores. Amedrontar os beneficiários é algo, no mínimo, covarde.

Há outro problema: o personalismo. Em entrevista aos pesquisadores Walquiria Leão Rego e Alessandro Pinzani, Dona Iracema, de 43 anos, casada, com dois filhos (13 e 11 anos), que recebia R$ 102,00 por mês, disse: “Considero o Bolsa Família uma bondade dele [do presidente Lula] para o povo, pois muita gente precisa e o povo merece porque a gente vai e vota e bota ele lá”. Dona Inês, de 30 anos, separada, com dois filhos de 12 e 8 anos, que recebia a mesma quantia, tinha medo de que com a saída de Lula o programa fosse abandonado: “Se ele se candidatar mil vezes, mil vezes eu voto nele”[17] – registrou. Antes, um coronelismo regional amador. Agora, o risco de um coronelismo nacional profissionalizado, concentrado no presidente da República. A tentação é grande: a presidente Dilma, após nova queda nas pesquisas que antecediam às eleições de 2014, convocou rede de rádio e tv para anunciar o reajuste de 10% nos valores dos benefícios do Bolsa Família.

Há uma última questão: a consciência quanto à honra. Timothy Douglas e Natalie Hawkins são pais de Gabby Douglas, uma extraordinária ginasta negra dos Estados Unidos, cuja infância foi de miséria. Certa vez, sem saber o que seus três filhos

---

[16] Lobão Filho diz que tucano acabará com Bolsa Família Erich Decat http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2014/05/19/lobao-filho-diz-que-tucano-acabara-com-bolsa-familia/

[17] REGO, Walquiria Leão. PINZANI, Alessandro. Vozes do Bolsa Família: Autonomia, dinheiro e cidadania. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 135-140.

comeriam, Timothy sugeriu a Natalie receber tickets de alimentação do governo. Ela reagiu colérica. Disse que jamais aceitaria ver suas filhas se alimentando graças à caridade. Decepcionada, pediu o divórcio. Anos depois, sucumbiu por uma doença, afastando-se do trabalho. Teve de receber os tickets. Desesperou-se e prometeu dar a volta por cima. De fato, deu. Essa é uma visão honrada que vê a ajuda do governo como algo temporário, termômetro de que as coisas chegaram ao fundo do poço e que precisam de uma reviravolta. No Brasil, o Governo Federal comemorou os 10 anos do programa Bolsa Família exibindo atores representando famílias festejando o recebimento do dinheiro.

O Bolsa Família é uma extraordinária forma de empoderar cidadãos vulneráveis, devolvendo-lhes a liberdade que a pobreza lhes tomou. Contudo, precisa acabar com as personalizações indevidas, não se deixar usar por incrementos em ano eleitoral e deve punir o amedrontamento covarde dos beneficiários numa guerra política imunda. Também prova que um contingente de cidadãos não conseguiu espaço na nossa democracia capitalista. Eles precisam de oportunidades para encontrar, trabalhar e prosperar, concretizando o inalienável direito à busca da felicidade. O programa não pode ser transformado num novo coronelismo, nacional e profissionalizado, que traria mais violações às liberdades fundamentais do que nos trouxe a era dos coronéis regionais. Seria trocar um algoz por outro, o que frustraria a esperança de todos.

Quando movimentos sociais começam a nos envergonhar

A revanche, motivada pelo ódio e pelo medo, também pode ser vivida em esferas menores. Grupos da sociedade, em seu comportamento pontual e quase doméstico, são capazes de promover violências inacreditáveis. No Brasil, em junho de 2013, um casal presente à “Marcha das Vadias” realizou uma “performance artística” quebrando imagens sacras na Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, onde milhares de peregrinos aguardavam o início da vigília da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), que estava recebendo o Papa Francisco. O casal estava nu, tampando os órgãos sexuais com

símbolos religiosos, como um quadro com a pintura de Jesus Cristo. Ele juntou cruzes, jogou camisinhas em cima e começou a pisotear os artigos religiosos. Um dos manifestantes botou um preservativo na cabeça da imagem de Nossa Senhora[18]. Não houve revanche do lado dos peregrinos.

Há outras situações embaraçosas. Dia 05 de junho, a Universidade Federal Fluminense (UFF) debateu novamente o "Xereca Satânik – A Festa", espetáculo do curso de Produção Cultural, em Rio das Ostras, no Rio de Janeiro, no qual alunos reuniram-se para realizar performances na disciplina "Corpo e Resistência". Tudo suportado por uma universidade federal e pelo CNPQ, fotografado e divulgado de forma viral nas redes sociais. No evento, mulheres foram cortadas com estiletes. Uma das participantes teve a vagina costurada. Não foi a primeira vez que sua vagina entrou em cena. Ela é a mesma que fez a "performance artística" na Jornada Mundial da Juventude, introduzindo uma imagem sacra na genitália.

As universidades têm o propósito de promover a excelência acadêmica e o congraçamento social, além de produzir líderes que ocuparão posições de destaque na sociedade. Michael Sandel lembra que "as universidades conferem diplomas de mérito para premiar aqueles que demonstram as virtudes que elas existem para promover. Mas, de certa forma, todo diploma conferido por uma universidade é um diploma por mérito[19]". Qual o mérito de, numa universidade, mulheres se cortarem com estiletes e costurarem uma vagina diante das câmeras? Daniel Caetano, chefe do Departamento de

---

[18] Ver matéria de Raphael Oliveira e Fábio Vasconcellos, publicada dia 27/07/2013 em O Globo, com o título "Manifestantes quebram imagens sacras na Praia de Copacabana". Em: http://oglobo.globo.com/rio/manifestantes-quebram-imagens-sacras-na-praia-de-copacabana-9220356#ixzz30aUxZiJu

[19] SANDEL, Michael J. Justiça – O que é fazer a coisa certa. Tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 235.

Artes e Estudos Culturais da UFF, avisou: “Estamos apenas no começo!”[20]. Se isso é o começo, imagina o que está por vir!

Há também o bizarro. Em abril deste ano, o Programa Radar da TV Educativa do Rio Grande do Sul mostrou o compromisso com o cenário cultural e musical jovem do Rio Grande do Sul. Ele apresentou a banda Putinhas Aborteiras, formada por jovens garotas. Ao iniciar a apresentação, o choque: “vem desconstruir o gênero junto com as putinhas / vem conscientizar e libertar a bucetinha /” – cantavam, com cara de engajamento. Em seguida, o arremate: “Sou anarquista doida, pichadora e ‘vida loca’ / Não vem com moralismo, tu não vai calar minha boca / Vem vandalizar, deixa de ser bundão / Se rola prejuízo, é na conta do patrão”.

Gilles Lipovetsky e Jean Serroy falam que a cultura-mundo, em vez de promover o indivíduo, imbeciliza-o, privando-o de lucidez e livre-arbítrio, fazendo-o reagir à cultura dominante de maneira condicionada e gregária[21]. Os episódios acima provam a afirmação. Não é difícil notar o vazio de forma e conteúdo. Mas a Constituição brasileira assegura a liberdade de expressão, inclusive para o tolo. O estranho é isso ser cultivado em espaços educativos destinados a promover o talento.

A educação faz com que os talentos se desenvolvam para que sociedade e individuo sejam premiados, em proveito do bem comum. Que virtude, ou excelência, a apresentação das Putinhas Aborteiras, numa emissora educativa, valoriza ou recompensa? Trata-se de vulgaridade que sequer pornografia é. Não suscita nenhuma reflexão como traria, com toda a repulsa que gera, um Marquês de Sade. Falar tolices classificando-as como arte ou protesto é uma opção existencial. Investir nisso por meio do público é pôr o Estado em favor de uma ideologia, o que é arriscado e o empobrece.

---

[20] Matéria “Festa 'satânica' da UFF terá ato de apoio”, publicada em O Globo, dia 02/06/2014. Em: http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/festa-satanica-da-uff-tera-ato-de-apoio-12687369#ixzz36LVJmR5a

[21] A cultura-mundo. Barcelona: Anagrama, 2010.

Enquanto isso, a escola Augustinho Brandão, no pequeno município de Cocal dos Alves, no Piauí, acumula dezenas de medalhas em Olimpíadas de Matemática e Química, e prêmios nacionais de astronáutica, astronomia e física. No Enem, está acima da média nacional, além de ter premiações em gincanas estaduais de história e geografia. Em 2010, aprovou todos os alunos que fizeram o vestibular. Segundo a diretora regional, Narjara Benício: “Nosso maior desafio foi fazer os alunos acreditarem nisso. Alunos filhos de pais analfabetos, da roça, que só tinham o que comer, que só dava para o sustento, para uma roupinha ruim”[22]. Um potencial extraordinário desafiado pela falta de recursos. Uns com tanto. Outros com tão pouco.

A liberdade conquistada no Piauí graças a uma educação que premia a excelência é tocada pela boa vontade dos professores. Enquanto isso, a TV Educativa do Rio Grande do Sul premia o bizarro: “vem desconstruir o gênero junto com as putinhas / vem conscientizar e libertar a bucetinha/”. É difícil não perder a esperança.

Rachel Sheherazade e os linchamentos

O poder destrutivo da revanche foi sentido no Brasil. O estopim se deu dia 31 de janeiro de 2014, quando circulou nas redes sociais a foto de um adolescente negro, de 15 anos, espancado e preso sem roupa pelo pescoço, com uma tranca de bicicleta, a um poste na cidade do Rio de Janeiro. Rachel Sheherazade, comentarista do canal de televisão SBT, afirmou: “No país que ostenta incríveis 26 assassinatos para cada 10 mil habitantes, que arquiva mais de 80% de inquéritos de homicídios e sofre de violência endêmica, a atitude dos vingadores é até compreensível”. Prosseguindo, ela registrou: “O Estado é omisso, a política desmoralizada, a justiça falha, o que resta ao cidadão de bem que ainda por cima foi desarmado? Se defender, é claro”. Para

[22] Reportagem exibida no Fantástico. Em: http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/03/escola-publica-de-cidade-do-piaui-tem-alunos-motivados-e-otimos-resultados.html

Sheherazade, “o contra-ataque aos bandidos é o que eu chamo de legítima defesa coletiva de uma sociedade sem Estado contra um estado de violência sem limite”. Ao final, a jornalista, diante das câmeras, lança uma campanha: “E aos defensores dos direitos humanos que se apiedaram do 'marginalzinho' preso ao poste, eu lanço uma campanha: Faça um favor ao Brasil! Adote um bandido”.

A apatia dos brasileiros diante da violência crescente precisou do chamamento de quem, pela hiper-exposição da qual desfruta, tem uma inclinação natural à liderança e à formação de opinião. A apatia é um comportamento suspeito, porque, ali, costumam estar escondidos ódios permanentes negligenciados pelo fenômeno da adaptação. Como disse Freud, “um germe de apatia se torna um ódio selvagem”[23]. A possibilidade de revanche surtiu efeitos. Um tornado de “justiçamento” tomou conta do país. Criminosos ou suspeitos passaram a ser presos por populares, espancados, amarrados e mortos.

Em maio de 2014, Fabiane de Jesus, 33 anos, dona de casa, foi espancada até à morte em Guarujá, Rio de Janeiro, após boatos nas redes sociais apontando um retrato falado como sendo o de uma mulher que seqüestrava crianças para realizar rituais de magia negra. Sob o olhar de dezenas de pessoas, incluindo crianças, foi agredida com pauladas, socos e chutes até desfalecer. Eles a mataram. O linchamento foi registrado em celulares e espalhado, de modo viral, pelas redes sociais. Tudo não havia passado de um engano. Descobriu-se, minutos depois, que Fabiane de Jesus era inocente. Tarde demais. Fotografadas, filmadas e espalhadas pelas mídias sociais e pela imprensa, foram registradas práticas de revanche pelo linchamento em Estados como Piauí, Alagoas, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Goiás. Do ódio, mais ódio. Da revanche, mais revanche.

---

[23] FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 32.

Como é ruim a histeria partidária

Outro tema importante é a intolerância decorrente da histeria partidária. No ano 2000, Mário Covas, governador de São Paulo, se desmanchou em sangue surrado por grevistas por ordem de José Dirceu, que não se compadeceu sequer do câncer de Covas, que o mataria em seguida. Dia seguinte, um manifestante, em Sorocaba, acertou um ovo em José Serra, então ministro da Saúde.

O autoritário “Fora FHC!” foi berrado por oito anos contra um presidente democraticamente eleito.

Em 2005, o senador Jorge Bornhausen presidia o Partido da Frente Liberal (PFL) quando, fazendo alusão a alguns membros do Partido dos Trabalhadores (PT), se declarou “encantado” com a possibilidade de tornar-se “livre dessa raça pelos próximos trinta anos”. Imediatamente, os muros de Brasília foram tomados por mais de 3 mil cartazes exibindo Bornhausen muito alvo, com seus olhos azuis, vestido no uniforme do Partido Nazista, com uma suástica no braço. “Vamos acabar com esta raça. Preto, pobre e operário, nunca mais!”, dizia o cartaz. Embaixo da montagem constava: “Herr Bornhausen” – aludindo a Hitler.

Em 2008, o PT achou que intimidaria Gilberto Kassab, candidato à prefeitura de São Paulo, insinuando que ele era gay e que tinha de explicar por que não era casado, nem tinha filhos. Saber que isso aconteceu chega a ser perturbador.

Outros episódios mostram uma resistência imensa às mulheres politicamente ativas. Em 2011, a advogada Roberta Fragoso foi convidada pela Universidade de Brasília para participar de um debate sobre cotas raciais. Contrária à

política, ao tentar falar assustou-se com a gritaria. Chamada de racista, ouviu ofensas. Seu carro foi vandalizado. Nas portas, estava pichado: “Loira filha da p...”[24].

Em 2013, a blogueira cubana Yoani Sánchez desembarcou no Recife disposta a discutir sobre Cuba. “Fora, Yoani!” - foi o que ouviu. Em seguida, um sujeito tentou fazê-la engolir notas de dólar, esfregando-as em sua face. Puxaram-lhe os cabelos. Na Bahia, proibiram a exibição de um documentário com a sua participação. Em São Paulo, novos protestos impediram-na de expor suas opiniões em um debate. Yoani, posteriormente, confidenciou: “A embaixada cubana inclusive entregou um dossiê sobre minha pessoa a vários grupos, inclusive a funcionários do governo brasileiro”. Em certos momentos foi muito difícil: “mas decidi continuar e vou até o final”[25] – afirmou a blogueira.

Até juízes são intimidados. Em 2014, militantes do PT encurralaram o então presidente do STF, ministro Joaquim Barbosa, na saída de um restaurante em Brasília. “Autoritário, projeto de ditador, tucano, corrupto” - gritavam, segurando a bandeira vermelha. Depois, entoaram o hino: “Dirceu, guerreiro do povo brasileiro”.

A presidente Dilma Rousseff também foi vítima de revanchismos, mas não reagiu com a mesma moeda. No jogo de estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo, a presidente ouviu o estádio inteiro gritando: “Ei, Dilma, vai tomar no c*”.

Em 2014 a presidente foi muito criticada. Apesar disso, não perseguiu diretamente seus críticos. A imprensa a critica diariamente. Na Argentina, Cristina Kirchner estaria pressionando empresários a não anunciarem nesses veículos. Nas manifestações de junho de 2013 (O Gigante Acordou), Dilma convocou cadeia de rádio

---

[24] Reportagem “Madraçal no Planalto”, publicada em 4/07/2011, na editoria de Educação da Revista Veja. Disponível em: http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/madracal-no-planalto

[25] Entrevista de Yoani Sánchez ao repórter Jamil Chade, de O Estado de São Paulo, em Genebra. Disponível em: http://blogs.estadao.com.br/jamil-chade/2013/05/03/entrevista-com-yoani-sanchez-dilma-esta-brincando-com-fogo-sobre-situacao-em-cuba/

e TV para afirmar que ouviria as lideranças dos movimentos. Dias depois, as recebeu no Palácio do Planalto. Enquanto isso, manifestantes eram espancados, presos e mortos na Venezuela de Nicolás Maduro. Nos Estados Unidos eles também apanhariam.

Nossos presidentes não são bonzinhos com os críticos. Getúlio foi um ditador. Juscelino Kubitschek patrocinou uma lei para impedir desafetos de o criticarem na imprensa. Fernando Collor prometeu uma devassa nas empresas opositoras. Itamar Franco brigava com jornalistas no meio da rua. Lula tentou expulsar do país Larry Rother, do *The New York Times*, que publicou uma matéria sobre os excessos do presidente com a bebida.

E Dilma? Em 2014 ela foi vaiada dia sim e o outro também. E tudo bem. “Ei, Dilma, vai tomar no c*” dificilmente ocorreria numa outra Copa. Nos Estados Unidos? Na Rússia? Na China? Na Alemanha? No Catar? Impossível. Haveria uma covarde reação de quem tem o poder do Estado. No Brasil, ocorreu o que tem de ocorrer: nada. Não estavam mandando somente a presidente tomar no c*. Em junho de 2013, multidões marchavam nas ruas mandando todo mundo tomar no c*. Mesmo assim, xingar uma presidente da República em público, diante de convidados estrangeiros e líderes mundiais, tentando humilhá-la, não é certo, nem inteligente. É um modo abominável de fazer política.

Stuart Mill entende que “ser restringido em coisas que não afetam o bem dos outros, simplesmente porque essas coisas são desagradáveis, nada desenvolve de valioso, exceto uma força de caráter que se possa desenvolver através da resistência ao constrangimento”. Para ele, tudo o que esmague a individualidade é despotismo[26]. Atitudes como as mencionadas aqui nunca nos trouxe nada de bom. Só nos dividiu, plantando o ódio e fazendo nascer uma revanche interminável. Ninguém aguenta mais essa atmosfera hostil. Por isso, perdemos a esperança.

---

[26] MILL, John Stuart. Sobre a Liberdade. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 165.

Como Gandhi e Nehru agiram na Índia

Quando os concidadãos hindus e muçulmanos derramavam sangue nas ruas da Índia lutando entre si antes da independência do país, o *Pandit* (professor) Jawaharlal Nehru, que depois viria a ser primeiro-ministro, disse num discurso, enquanto Gandhi jejuava pelo fim dos conflitos: "Às vezes é quando se está quase sem esperança e na escuridão total que Deus vem para nos salvar. Gandhi está morrendo por causa da nossa loucura. Deixem de lado a vingança. (...)".

A filosofia de Gandhi encantou a muitos, inclusive a Martin Luther King, que incorporou sua concepção de marchas de protestos não-violentos como forma de combater as injustiças, principalmente aquelas estampadas nos textos das leis. Não se trata de uma luta fácil. Como veremos, a jornada da construção dos direitos fundamentais jamais é uma jornada leve, sem fardos extenuantes a serem carregados pelos ombros doídos daqueles que se levantam diante do que é errado.

"Quando a radiante estrela da esperança será arremessada contra o escuro seio dessa noite solitária, extraída das almas fatigadas pelos grilhões do medo e pelas algemas da morte?" – indagou Martin Luther King, no seu célebre discurso na marcha de Selma a Montgomery, em 25 de março de 1965, mostrando que mesmo as pessoas fortemente convencidas de seus propósitos na luta pela construção dos direitos fundamentais chegam ao limite da exaustão nesta longa caminhada pela liberdade.

A visão paciente, corajosa e reconciliadora de Gandhi impregnou também a Constituição da África do Sul. "Não é apenas o espírito de Gandhi que pode ser encontrado em nossa Constituição, mas também a filosofia de Nehru" – registra Albie Sachs. Ele recorda uma frase de Nehru: "não há caminho fácil para a liberdade", que inspirou o nome da autobiografia de Nelson Mandela: "Longa Caminhada até a Liberdade". Segundo Sachs, "as experiências da luta hindu pela liberdade e os processos usados para conciliar a diversidade em uma estrutura nacional democrática tiveram

influência profunda sobre a geração de Mandela e se refletiram em nosso novo ordenamento constitucional".

Daí o constitucionalismo sul-africano ter temas sobre a institucionalização da democracia de uma grande personalidade hindu e o espírito de compaixão e abnegação de outra. "Foram duas enormes contribuições comunicadas pelo Oceano Índico não apenas mediante escritos, mas também por meio de experiências de luta e prisão de miríades de sul-africanos que trabalharam diretamente com os dois grandes líderes hindus"[27] – finaliza Albie Sachs, mostrando que os bons sentimentos se espalham pelos ventos da esperança, caindo e frutificando no solo da reconciliação.

Reconciliando concidadãos

A esperança recusa a revanche. Daí a postura de Nelson Mandela ser a demonstração mais vibrante de que a esperança tem papel de destaque nos movimentos de construção de direitos fundamentais neste século, culminando na reconciliação. "Quem defende a reconciliação e a paz não é um fracote com sentimentos reprimidos e vontade controlada, mas alguém que ama apaixonadamente a vida" – afirma Jürgen Maltmann, para quem "uma Ética da Esperança na plenitude da vida resiste à cultura da unidade global e conserva a diversidade das culturas, porque nelas residem as possibilidades do futuro"[28]. Esse sentimento, que conclama à manutenção da diversidade cultural dos povos, foi levado para a Constituição. Basta ouvir a melodia do seu preâmbulo:

---

[27] SACHS, Albie. The Strange Alchemy of Life and Law. London: Oxford University Press, 2009, p. 91.

[28] MOLTMANN, Jürgen. Ética da Esperança. Tradução de Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 195.

> Nós, o povo da África do Sul, Reconhecemos as injustiças do nosso passado; Honramos aqueles que sofreram por justiça e liberdade em nossa terra; Respeitamos aqueles que trabalharam para construir e desenvolver o nosso país, e Acreditamos que a África do Sul pertence a todos que nela vivem, unidos na nossa diversidade.

Como seguir unidos quando tudo parece ter perecido a ponto de começar a nos machucar e a colocar em risco a vida das pessoas que amamos? A esperança é o elemento catalizador que surge como resposta. Ela foi mantida à duras penas em países como a África do Sul. Sua força promove a união do grupo que pretende ver nascer a nova ordem e lhe confere legitimidade durante o processo de retomada do poder, um poder que foi perdido em razão de práticas cruéis. “Há lugares em que as pessoas vêm acertando as contas há séculos e o ciclo de destruição mútua não vai parar até que as pessoas objetivem deixar o passado para trás”[29] – alerta David Schmidtz.

Nações que se mantiveram firmes na esperança conseguiram alcançar seus objetivos e, com a chegada de uma ordem legítima, abraçaram a reconciliação. É um novo ciclo das lutas populares por direitos fundamentais que merece o nosso estudo, compreensão, análise e discussão.

Caminhos variados foram tomados por países africanos que conseguiram suas independências após décadas de luta. Só com a esperança é possível manter o grupo unido em torno de um ideal, que é, exatamente, o estabelecimento de uma nova ordem, baseada nos valores majoritariamente aceitos pelas democracias constitucionais, tais como o controle do poder do Estado, a criação de instituições independentes, além de órgãos que promovam o reencontro da nação, como as Comissões da Verdade e Reconciliação. Tudo isso coroando direitos fundamentais protegidos por um órgão de cúpula do Judiciário ou por uma Corte Constitucional.

---

[29] SCHMIDTZ, David. Os elementos da justiça. Tradução de William Lagos; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 321.

Sobre a importância da jurisdição constitucional, Albie Sachs diz: “A Corte representa não apenas o importante princípio do ‘nunca mais’ da democracia constitucional, mas também o tema da sobrevivência, da esperança, do triunfo da coragem e da humanidade sobre o desespero e a crueldade”[30].

Neste propósito, a esperança se mantém intacta a todas as tentativas de desestabilização das massas, normalmente apresentadas pelo tratamento indigno, humilhações constantes e pela construção sistemática de uma atmosfera de inferiorização de certos grupos. Um duelo que é explicado por Michael Walzer: “Para que os membros de um grupo odeiem os membros de outro grupo da maneira que nos interessa aqui – aquela que faz o centro entrar em colapso e libera a maré tingida de sangue -, é preciso que o segundo grupo tenha sido condenado em termos doutrinários, através de alguma explicação genética ou genealógica de sua inferioridade, digamos, ou algum relato histórico de seus crimes”[31]. Como se vê, um desafio grande. Tão grande quanto a necessidade de enfrentá-lo e superá-lo.

[30] SACHS, Albie. The Strange Alchemy of Life and Law. London: Oxford University Press, 2009, p. 90-91.

[31] WALZER, Michael. Política e paixão: rumo a um liberalismo mais igualitário. Tradução Patrícia de Freitas Ribeiro. Revisão da tradução Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008, p. 167.

5. O *AFETO A MADIBA*

No funeral de Madiba, pessoas apareciam por todos os lados, vindas das mais variadas direções. Não havia idade, cor, sexo, origem..., nada, capaz de separá-las. Eram casais, senhoras idosas, crianças no colo dos seus pais, estrangeiros, caravanas vindas de outros países africanos, trabalhadores..., enfim, muita, muita gente que, junta, dava o tom da diversidade da qual se revestia aquele funeral. O propósito era único: prestar as últimas homenagens. Eu acompanhei o fluxo.

No momento em que entrei na fila das condolências, senti um sincero sentimento de perda. Mandela não era meu avô, nem um ente querido, sequer o líder do meu país, mas era difícil não me conectar a suas ideias, ao seu legado e àquela atmosfera. A fila ficava à frente do Parlamento, na rua, separada por uma cerca posta antes de alcançar a praça. Um telão transmitia a solenidade espalhada por cidades da África do Sul, incluindo a partida do corpo rumo a Qunu, onde seria enterrado.

Eu vi flores, cartas, bandeiras de vários países, cartolinas com desenhos de crianças, muitas delas com corações feitos em lápis de cor. Vi também fotos de Mandela, cartazes com suas frases mais famosas e recortes de jornais. Era um mundo de coisas, papéis, objetos pessoais vindos dos mais distantes lugares do planeta, de pessoas que, por alguma razão, faziam questão de deixar ali suas manifestações.

Enquanto eu sentia o valor de todas aquelas demonstrações de afeto, atrás de mim um pai guiou sua filha pequena, branca como a neve e com lisos cabelos da cor de ouro, até o alambrado onde tudo estava depositado. A criança segurava um cão de pelúcia branco, sorridente, dentro de uma caixa plástica transparente. Ela deixou o cão ali, sobre um verdadeiro campo de flores. Então olhou para seu pai e seguiu, dando-lhe as mãos pequeninas. ''Era o brinquedo predileto. Ela quis que Madiba não se sentisse sozinho no novo lar'' – justificou-se o pai, diante do olhar que eu não consegui controlar.

6. SAI O MEDO. ENTRA A ESPERANÇA

"Eu era infeliz e não sabia"

Superando o medo

"Quando o indivíduo supera o medo, emoções positivas assumem o controle, à medida que o entusiasmo ativa a ação, e a esperança antecipa as recompensas por uma ação arriscada"[32] – ensina Manuel Castells. A associação entre medo e esperança encontra ressonância em Spinoza, para quem "se concebemos que uma coisa que está por vir é boa e pode ocorrer, daí a mente adquire essa forma que denominamos esperança e que não é mais que uma certa espécie de alegria mesclada com um pouco de tristeza". Para Spinoza, se, contudo, "julgamos que a coisa que pode ocorrer é má, daí vem à nossa mente a forma que denominamos medo"[33].

Além de destacar que "não há esperança sem temor, nem temor sem esperança", Spinoza afirma que "quanto mais nos esforçarmos para viver sob a conduta da razão, mais nos esforçamos para nos tornar menos dependentes da esperança"[34]. Essa tentativa de não nos tornarmos dependentes da esperança é bem diferente de não termos esperança. Apesar de não querermos que esse sentimento paralise a nossa capacidade de lutar por direitos fundamentais, anulando outro sentimento poderoso que é a coragem, devemos manter viva a esperança pela chegada de um tempo compatível com a nossa

---

[32] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 19

[33] SPINOZA, Baruch de. Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar. Tradução e notas Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 109.

[34] SPINOZA, Baruch de. Ética, IV, Proposições 47 e 50.

aspiração por justiça, por uma vida digna, pelo exercício de direitos fundamentais e por nos submetermos a um governo cujo controle sobre suas práticas seja mais eficaz.

David Hume chama tanto a esperança como o medo de “paixões diretas”. Para ele, “exatamente o mesmo acontecimento que, se fosse certo, produziria tristeza ou alegria, dá origem ao medo ou à esperança quando apenas provável e incerto”. Segundo Hume, “a esperança e o medo surgem das diferentes misturas dessas paixões opostas de tristeza e alegria, e de sua união e conjunção imperfeita”. Em seguida, explica: “é o bem ou mal provável que comumente produz esperança ou medo; porque a probabilidade, sendo um modo oscilante e inconstante de considerar um objeto, causa naturalmente uma semelhante mistura e incerteza das paixões”[35].

David Hume se aprofunda na explicação dessa íntima relação. Ele diz:

> As paixões de medo e esperança podem surgir quando as chances são iguais dos dois lados, e não se pode descobrir qualquer superioridade de um sobre o outro. Acrescentai um grau superior de probabilidade do lado da tristeza, e imediatamente vereis a paixão se difundir por toda a composição, tingindo-a de medo. Aumentai a probabilidade, e dessa forma também a tristeza, e o medo prevalecerá mais e mais, até se transformar, de modo imperceptível, em pura tristeza, enquanto a alegria diminui continuamente. Após obterdes essa situação, diminuí a tristeza, do mesmo modo como a aumentardes; diminuindo a probabilidade de seu lado, vereis a paixão se apagar aos poucos, até se transformar insensivelmente em esperança; esta, por sua vez, e do mesmo modo, se transforma pouco a pouco em alegria, conforme aumentais essa parte do composto ao aumentar a probabilidade[36].

---

[35] HUME, David. Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. Tradução Débora Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 480

[36] HUME, David. Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. Tradução Débora Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 479

A África do Sul, tendo de optar entre o medo e a esperança, na tentativa de lutar para estabelecer a sua nova ordem constitucional, optou por esta última. Não que não tenha sucumbido à tentação do ódio em muitos episódios. Sabemos que a violência deu o tom das manifestações em certas ocasiões. Contudo, a meta dos guerreiros da liberdade nunca foi o ódio ou a revanche. O sentimento condutor era a esperança de que, um dia, todos estariam juntos, vivendo na terra que escolheram para sua existência. A violência era o termômetro que mostrava que aquele movimento estava se distanciando de sua essência e que precisava retomar o seu caminho.

A necessidade de um engajamento esperançoso

Falando sobre a esperança, Jürgen Moltmann diz que "ela chama as pessoas a sair de sua apatia e de seu pessimismo e a participar ativamente dos movimentos de libertação". Segundo ele, "nosso senso de possibilidade é estimulado pelo medo ao menos com a mesma intensidade do que pela esperança. No medo, está em jogo a nossa vida; na esperança, uma vida plena"[37].

Não podemos esquecer que a saída da apatia, guiada pela esperança, conduzirá o povo à reconciliação, inevitavelmente. Caso seja baseada no ódio, o destino será a revanche, cuja projeção no tempo traz adaptações perversas, impedindo a comunidade tanto de conduzir sua vida com segurança, como de estruturar um sistema jurídico voltado para a busca da satisfação de aspirações individuais legítimas.

A esperança está diretamente ligada à crença de que uma determinada ação surtirá efeitos no futuro. Os movimentos políticos fiados na esperança, por sua vez,

---

[37] MOLTMANN, Jürgen. Ética da Esperança. Tradução de Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 15.

fincam a ideia de que a mudança da sociedade por meio do engajamento é algo pelo qual vale à pena lutar. Por esta razão, ações devem ser implementadas.

Para André Comte-Sponville, esperança "é um desejo que se refere ao que não temos (uma falta), que ignoramos se foi ou será satisfeito, enfim cuja satisfação não depende de nós: esperar é desejar sem gozar, sem saber, sem poder"[38]. Por esta perspectiva, a ausência de dignidade, de acesso a direitos fundamentais, de liberdade e igualdade é o que faz despertar a esperança do grupo. Não uma esperança preguiçosa, irreal ou inerte. Não se trata da construção mental de sonhos distantes ou de fantasias inalcançáveis. É uma esperança corajosa. "Se as pessoas pensam de outra maneira, se compartilham sua indignação e acalentam a esperança de mudança, a sociedade acabará mudando de acordo com seus desejos"[39] – explica Manuel Castells.

Para que a esperança seja, de fato, um elemento do constitucionalismo, da luta por direitos fundamentais, do estabelecimento de um muro de contenção ao poder do Estado e dos mais fortes, é necessário que a coragem se lhe esteja associada, para que o grupo alijado do acesso a direitos consiga reverter as injustiças depositadas em seus caminhos, visando, com isso, a reconciliação.

Um propósito maior

A esperança que há de habitar em nós durante a jornada em busca de direitos fundamentais se volta para a determinação em fazer com que nossas atitudes, solitárias ou coletivas, alcancem um propósito maior. Esse propósito é exatamente o

---

[38] COMTE-SPONVILLE, André. A felicidade, desesperadamente. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 58.

[39] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 114.

estabelecimento de uma ordem legítima baseada num documento popular cuja marca seja o desejo pela união de um povo que preferiu não largar as mãos quando o horizonte não estava visível. Nesse sentido, Manuel Castells diz que foi a união que ajudou os manifestantes mundo afora a superar o medo, que seria uma "emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e, quando necessário, pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada[40]" – anota.

Tanto o é que Mandela, comentando os instantes que antecederam sua prisão que culminaria em 27 anos de encarceramento, registrou: "Eu não iria, sob circunstância alguma, aparentar desespero ou até mesmo decepção diante de meus captores"[41]. A altivez inspirou a firmeza por parte dos sul-africanos perante o *apartheid.* Como diz Freud: "Numa massa, todo sentimento, todo ato, é contagioso, e isso a ponto de o indivíduo sacrificar facilmente o seu interesse pessoal ao interesse coletivo"[42].

Nelson Mandela também ensinou que a coragem não era a ausência do medo, mas o triunfo sobre ele. Elaborar, implementar e consolidar a luta por uma vida melhor sustentada por direitos fundamentais é uma missão que não se executa sem o maquinário da coragem. Até porque, como estamos falando de uma luta que é essencialmente política, ela traz inúmeros riscos consigo. "Os riscos da política podem ser temerariamente aumentados ou cautelosamente reduzidos; mas não podem ser

---

[40] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 7-8.

[41] MANDELA, Nelson. Longa Caminhada até a Liberdade. Tradução Paulo Roberto Maciel Santos. Curitiba: Nossa Cultura, 2012, p. 386-387.

[42] BON, Gustave le. Psicologia das massas. Traduzido pelo dr. Rudolf Eisler, 2ª edição, 1912, p. 16. A citação vem de Freud, no seu Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. A obra de Le Bon pode ser lida na tradução de Mariana Sérvulo da Cunha, publicada pela Martins Fontes, em 2009.

completamente evitados, a não ser que se desista da esperança de grandes conquistas”[43] – anota, nesse sentido, Michael Walzer. Sai o medo, entra a esperança.

Contudo, André Comte-Sponville adverte: “é muito bonito esperar a justiça, a paz, a liberdade”, mas não é suficiente: “falta agir por elas, o que já não é uma esperança, mas uma vontade. Não é a esperança que faz os heróis: é coragem e a vontade”[44]. No nosso caso, uma coragem esperançosa. Sempre.

O resultado deve ser a reconciliação

Quando falamos em reconciliação como resultado da revolução calcada na esperança, o que estamos afirmando é que o ápice do movimento revolucionário ou da luta por direitos fundamentais deve ser, sempre, a reconciliação, jamais a revanche. Pela via revolucionária, a revanche vem com a perseguição aos opressores que não mais estão no poder. No que diz respeito à luta por direitos fundamentais, vem com a desestabilização persistente calcada na violência. Pela via da reconciliação, é possível promover um sincero pedido de desculpas, seguido de reparações.

Segundo David Schmidtz, “para que desculpas e reparações alcancem sucesso é necessário que haja total aceitação: as vítimas e seus descendentes, para o seu próprio bem, têm de abraçar o objetivo de colocar um ponto final nesse ciclo. Os descendentes das vítimas, para o seu próprio bem, devem aceitar que a culpa não é uma arma a ser usada para sempre contra os descendentes de um perpetrador”[45]. Ele destaca

---

[43] WALZER, Michael. Política e paixão: rumo a um liberalismo mais igualitário. Tradução Patrícia de Freitas Ribeiro. Revisão da tradução Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008, p. 173.

[44] COMTE-SPONVILLE, André. A felicidade, desesperadamente. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 61.

[45] SCHMIDTZ, David. Os elementos da justiça. Tradução de William Lagos; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 321.

ainda: “O futuro é importante, por mais que o passado não possa ser desfeito. Não há injustiça em estarmos dispostos a seguir em frente. Ou mesmo quando alguma coisa não estiver totalmente certa em nosso desejo de seguir em frente, sempre será um mal menor do que um ciclo infindável de vingança”[46]. Sem medo, sem ódio e sem revanches.

A esperança serviu de combustível para os sul-africanos seguirem seu rumo. Ela também se faz presente hoje, mostrando que persistirá como base do futuro daquele país, pois esta é a marca dos movimentos constitucionais do século XXI em países que, diante das imposições de uma geopolítica conduzida pela força e pelo oportunismo, viram, por um longo período, o forte subjugar o fraco, a injustiça reinar e o mundo chegar a pensar que a vitória final seria dada ao mal, não ao bem.

Esperança não é inércia

Há muitas visões pessimistas, como a de André Comte-Sponville, que, falando das “armadilhas da esperança” diz, equivocadamente: “Só esperamos o que não temos, e por isso mesmo somos tanto menos felizes quando mais esperamos ser felizes. Estamos constantemente separados da felicidade pela própria esperança que a busca”[47]. Criticando uma fuga para a frente, de esperanças em esperanças, o filósofo propõe uma “tentativa de nos libertar desse ciclo da esperança e da decepção, da angústia e do tédio, uma tentativa – já de nos libertar da própria esperança”[48]. Ocorre que não há tédio. O que há é coragem e o exercício do direito de ser visto em ação. Supera-se os obstáculos

---

[46] SCHMIDTZ, David. Os elementos da justiça. Tradução de William Lagos; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 323.

[47] COMTE-SPONVILLE, André. A felicidade, desesperadamente. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 36.

[48] COMTE-SPONVILLE, André. A felicidade, desesperadamente. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 40.

que os governantes, por cinismo, egoísmo e oportunismo, deixaram florescer. Nasce a felicidade pública, fruto de uma luta esperançosa.

Ao contrário do pessimismo de Sponville, Thomas Jefferson, em seu discurso de posse como presidente dos Estados Unidos, em 4 de março de 1801, disse: "quando contemplo esses objetos transcendentes e vejo a honra, a felicidade e a esperança deste nosso amado país comprometido com essa questão e os auspícios desta época, fico acanhado ao contemplar e modesto perante a magnitude do empreendimento"[49]. Esperança e felicidade juntas, unidas numa benfazeja aliança.

É errado supor que a esperança está ligada à apatia, que esperar é não agir, permanecendo numa crença de que algo, algum dia, há de acontecer para que a vida fique melhor. Não é isso o que se vê nas revoluções baseadas na esperança. O engajamento persistente, a paciência, a não-violência, a mobilização, a união do grupo e a esperança conseguirão erguer uma comunidade política coesa, capaz de resolver suas divergências, unida na sua diversidade. Essa crença na comunidade política é defendida por Manuel Castells, para quem "só uma comunidade política democrática pode assegurar uma economia que funcione como se as pessoas importassem, assim como uma sociedade a serviço dos valores humanos e da busca da felicidade pessoal"[50].

A grande marca dos movimentos que lutam por direitos fundamentais atualmente é a capacidade de esperar. Uma luta repleta de estratégias, argumentos fortes, união cívica, resistência persistente e a firme crença de que a esperança possibilitará o triunfo da justiça e reconciliará um povo que, pela visão burra dos detentores do poder, foram separados e colocados uns contra os outros.

---

[49] Cambridge Editorial Partnership. Líderes e discursos que revolucionaram o mundo. Tradução de Mayara Fortin e Renato D'Almeida. São Paulo: Universo dos Livros, 2012, p. 45.

[50] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 176.

Para Charles Griswold, parte daquilo que é definido como reconciliação consiste em chegar a bons termos com a vida tal como ela é em um mundo imperfeito[51]. Não estamos falando de quem, num dado momento, por capricho, decidiu refundar o Estado. Trata-se de pessoas que foram alijadas dos seus próprios lugares numa terra que lhes pertencia e que, em razão disso, venceram o medo e deram início a uma marcha esperançosa pelo restabelecimento da felicidade coletiva. Elas estavam sendo conduzidas por um entusiasmo benevolente. “Nada de grandioso jamais foi conquistado sem entusiasmo”[52], registra Ralph Waldo Emerson, com absoluta razão.

---

[51] SCHMIDTZ, David. Os elementos da justiça. Tradução de William Lagos; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 322.

[52] Circles, em Essays First Series, em The Complete Essays and Other Writings, Brooks Atkinson (org.) (Nova Yourk: Modern Library, 1940), p. 290.

7. A BANDEIRA DO BRASIL

Ao final da cerimônia de sepultamento, abri a bandeira do Brasil e a pus sobre as costas. Abaixei-me para deixar o ramalhete de flores que trazia comigo. Olhei novamente para todas as demonstrações de afeto. Então, me levantei. Caminhei um pouco com a bandeira enquanto procurava um espaço para fixá-la de forma a ficar visível. Ninguém, ali, parecia vítima de coisa alguma. Todos eram livres, como devemos ser. Estavam celebrando a constituição de um legado, cuja participação de um homem extraordinário - porém humano, logo, sujeito a erros -, todos reconheciam. Tudo muito espontâneo. Era uma atmosfera digna.

"Por favor! O senhor poderia dar uma declaração?" – perguntou o apresentador da ETV, emissora de TV sul-africana. Ele estava do lado de fora do local reservado às homenagens, na Praça do Parlamento. Ao ver-me com a bandeira, chamou seu cinegrafista e veio discretamente em minha direção.

"Vou fixar essa bandeira e saio logo" – respondi.

"Fazemos questão que fale segurando sua bandeira" – retrucou.

Eu já havia assinado o Livro de Condolências e saído da área reservada às homenagens. Estava diante da Houses of Parliament e o jornalista da ETV pedia para que o cinegrafista destacasse a Bandeira do Brasil. Ele me ajudou a colocar a bandeira na frente do corpo. Queriam alternar a minha fala com imagens dela. Estávamos no meio da praça, sob os olhares de uma multidão curiosa em saber o que aquele sujeito enrolado numa bandeira de cores vibrantes teria a dizer.

8. DESESPERANÇA COM A POLÍTICA TRADICIONAL

"O povo, unido, protesta sem partido"

Por que o brasileiro perdeu a esperança?

"O comando da campanha da presidente Dilma Rousseff concluiu que há uma estagnação do sentimento de esperança no país" – registrou o jornalista Ilmar Franco, na sua coluna em O Globo, dia 04/06/2014.

O cinismo dos poderosos, a indiferença do grupo que os cercam, o desrespeito com a ideia de igualdade e a indignidade insistente são os elementos da desestruturação. É difícil não sucumbir. Há repressão à palavra, tentativas de desestabilizar a Constituição e de colocar os brasileiros uns contra os outros. Demagogos ocupam postos de destaque e o espírito público está em desuso. Os templos estão abarrotadas de pessoas sofridas que, diante da miséria da existência, preferem crer num outro mundo, melhor e mais digno do que este. Conseguiram matar a esperança?

A expansão da vulgaridade do consumo, do esnobismo, do esvaziamento de bandeiras éticas em benefício de raciocínios pragmáticos, faz com que haja uma degradação insuperável de bens preciosos, como as manifestações artísticas, filosóficas e políticas. Mario Vargas Llosa afirma que alienação é "a ilusão da mentira convertida em verdade"[53]. Viver imerso em superficialidades conduz à alienação. O trabalho estafante alheio ao talento, o cinismo político, a falta de força social e a

---

[53] LLOSA, Mario Vargas. A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 21.

superficialização de atividades que exigem profundidade, vão matando, dia após dia, a esperança de um povo, até que não reste mais nada a lhe motivar.

O escritor moçambicano Mia Couto, afirma que a esperança não morre por si mesma. Ela é morta. "Não é um assassínio espetacular, não sai nos jornais. É um processo lento e silencioso que faz esmorecer os corações, envelhecer os olhos dos meninos e nos ensina a perder crença no futuro"[54] – registra Mia Couto. Essa morte muitas vezes chega com o desespero. No *apartheid*, prevalecia o medo. Foi a esperança por um mundo igualitário que fez com que o país se reerguesse. Já Manuel Castells chama a atenção para as seguintes máculas à manutenção da esperança atualmente:

> exploração econômica; pobreza desesperançada; desigualdade injusta; comunidade política antidemocrática; Estados repressivos; Judiciário injusto; racismo, xenofobia, negação cultural; censura, brutalidade policial, incitação à guerra; fanatismo religioso (frequentemente contra crenças religiosas alheias); descuido com o planeta azul (nosso único lar); desrespeito à liberdade pessoal, violação da privacidade; gerontocracia; intolerância, sexismo, homofobia e outras atrocidades a extensa galeria de quadros que retratam os monstros que somos nós.[55]

Mais poder nas mãos de poucos. Desigualdade crescente de renda. Opressão dirigida a muitos. Falta de oportunidades reais de ascensão social. Uma geração condenada. Nasce um círculo vicioso semelhante à areia movediça. Exatamente por isso é preciso ser firme e seguir motivado pela esperança de que só o fluxo desembaraçado da marcha por direitos fundamentais é capaz de impor freios às injustiças. "Onde há vida, há esperança" – anotou em seu diário, Anne Frank, numa

[54] COUTO, Mia. E se Obama fosse africano? E outras invenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 8.

[55] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 16.

convicção corajosa que deve servir de inspiração para nós também, principalmente quando olharmos para tudo em nossa volta e pensarmos em desistir.

O Programa Mais Médicos e a injustiça contra os cubanos

Um tema que foi alvo de intensa crítica no Brasil foi o “Programa Mais Médicos”, cuja finalidade é contratar médicos brasileiros e estrangeiros para combater moléstias em lugares remotos, cujo interesse para trabalhar é quase nenhum. Médicos cubanos aderiram ao programa. Eles trabalharão curando doenças e amenizando o sofrimento. Contudo, não receberão por isso. O governo de Cuba receberá em seu lugar. Apesar da falta de informação sobre um eventual percentual aos médicos, o acordo só determina o pagamento à Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), para que ela, depois de tirar sua comissão (R$ 24,3 milhões), repasse ao governo cubano[56].

Não é exagero falar em “servidão”. Não são estrangeiros participando de testes seletivos exercitando a liberdade. Pela Constituição, a contratação é injusta, porque é coercitiva. Ela mostra que o Estado cubano tem a posse dos seus cidadãos e que pode fazer com eles o que quiser, incluindo forçá-los a abandonar suas famílias e vir combater nossas misérias, sob a condição de remeter o dinheiro ao seu país.

A ideia de servidão voluntária em prol de uma causa política foi discutida em 2005, quando o Tribunal Superior Eleitoral respondeu consulta acerca da possibilidade de partido impor aos seus filiados o pagamento de contribuição sobre o salário daqueles que exercem cargos públicos. Isso é uma forma tirânica de tributação. Ao proibir a prática, o ministro Marco Aurélio fixou um bordão: “Doe um valor ou

---

[56] “Acordo para trazer cubanos renderá R$ 24,3 milhões à Opas”, publicada em O Globo dia 27/08/2013, de autoria de Flávia Pierry. Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/acordo-para-trazer-cubanos-rendera-243-milhoes-opas-9722463

perca o próprio cargo![57]”. Há mais. Todos os médicos recebem o justo pagamento, sem intermediários. Menos os cubanos. Isso, além de inconstitucional, é vergonhoso. Segregação assim já foi refutada pelo STF. No caso “Air France”[58], impediu-se que pessoas de países diferentes, que desempenham atividades iguais, sofram restrições a direitos trabalhistas com base na nacionalidade.

O anúncio precipitado de uma constituinte

O desapreço constitucional traz desesperança. Em junho de 2013, a presidente Dilma Rousseff, espantada com o estrondo causado pelo movimento “O Gigante Acordou”, anunciou a convocação de uma constituinte visando à reforma política. Depois, abandonou a aventura.

Vamos à mitologia grega. No Olimpo, Zeus havia ordenado a Hefesto que criasse uma nova criatura. Hefesto e a deusa Atena criaram uma linda mulher: Pandora. Zeus entregou-lhe uma caixa dourada, com arabescos e filigramas de prata. “Não abra! É para ser mantida sempre assim, hermeticamente fechada” -, ordenou. Pandora desobedeceu e a abriu. De lá saiu a inveja, a gula, a avareza, a arrogância, a crueldade, o egoísmo e muitos outros demônios. Desesperada, conseguiu fechá-la. Ela olhou para o fundo e viu um rosto belo e jovem: “Quem é você?” - perguntou. “Eu sou a Esperança” - respondeu o belo rosto. Era o que Pandora precisava para recomeçar.

Uma constituinte é como a Caixa de Pandora. Quando aberta, não é possível saber o que dela pode sair, incluindo mudanças em prejuízo do povo ou da democracia. Essas consultas só contribuem para a governabilidade quando o líder que as convoca goza de boa popularidade. Quando não, costumam descambar para

---

[57] Consulta nº 1.428/DF, de relatoria do ministro Cezar Peluso, julgada pelo TSE em 09.09.2007.

[58] RE 161.243/DF, de relatoria do ministro Carlos Velloso, julgado pela 2ª Turma do STF em 29.10.1996.

exacerbações institucionalizadas. O presidente equatoriano Sixto Durán-Ballén foi derrotado no plebiscito, em novembro de 1995, que reestruturaria o Congresso e o Judiciário. Na Bolívia, a crise de liderança aliada à utilização destemperada de uma constituinte (visando discutir a autonomia regional e um plano para exportação de gás), não conseguiu segurar o então presidente Carlos Mesa.

Há, ainda, um ponto dogmático. O Congresso é o único habilitado pela Constituição de 1988 a convocar referendos ou plebiscitos. Não é atribuição do presidente da República. Fazê-lo corresponde a o que o ministro do STF, Celso de Mello, chama de "cesarismo governamental", que acarreta "graves distorções no modelo político e gerando sérias disfunções comprometedoras da integridade do princípio constitucional da separação de poderes"[59].

Por fim, não foi o povo, às ruas, que pediu o plebiscito para uma constituinte. Foi o Executivo, acuado, que o sacou da cartola. Essa inversão corrompia a iniciativa, pois tirava dela o seu traço mais marcante: o caráter popular.

Felizmente, a caixa constitucional permaneceu fechada.

"Vocês não nos representam!"

Quanto aos partidos políticos, Manuel Castells lembra que eles são desprezados pela grande maioria, pois, na sua visão, "estavam a serviço dos banqueiros e não representavam os interesses dos cidadãos"[60]. Esse desprezo se confirmou no Brasil. Pouco antes das manifestações "O Gigante Acordou", em março de 2013, 53% dos eleitores tinham simpatia por alguma legenda. Foi, segundo o Datafolha, o ápice

[59] Voto do ministro Celso de Mello, no Plenário do STF, em 16.12.2009, no Mandado de Segurança nº 27.931/DF.

[60] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 87.

desde 1989. Em maio de 2014, a preferência partidária atingiu seu menor nível em 25 anos. Apenas 30% dos eleitores indicam uma sigla preferida - 66% dizem não ter simpatia por qualquer agremiação. Entre os que votam em branco ou nulo, a taxa quanto a não ter simpatia por qualquer agremiação alcança 80%[61].

Outro dado de desesperança com a política mostrado pela pesquisa Datafolha aponta as pessoas que dizem que votarão em branco ou nulo para presidente. A seis meses da eleição presidencial, o percentual era de 11%, em 1989; de 12%, em 1994 e 1998; de 8%, em 2002; 7%, em 2006; e de 8%, em 2010. Em 2014, 20%. O índice de eleitores que dizem ter mais vergonha do que orgulho de ser brasileiro, 20%, é superior às taxas de 2010 (9%), 2006 (10%) e 2002 (13%), e estão similares aos 19% do pós-junho de 2013, época de "O Gigante Acordou"[62].

É diante de desastres como esse que temos de invocar a retomada da esperança. Ela gera efeitos virtuosos, pois lança a marcha popular para a frente e faz brotar em cada pessoa uma sensação de pertencimento que, aliada à coragem, torna-se elemento central da construção contemporânea dos direitos fundamentais.

A Revolução dos Pequenos e o declínio do poder do PT

"A esperança venceu o medo e hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil mudou sem medo de ser feliz" – disse Luís Inácio Lula da Silva, o Lula, dia

---

[61] Segundo a pesquisa, esse grupo é caracterizado pela presença maior de pessoas do sexo feminino, na faixa entre 35 e 44 anos de idade, com escolaridade média e superior, sem religião, moradoras de capitais e cidades com mais de 500 mil habitantes, que têm carteira assinada e ganham entre R$ 2.172,01 até R$ 3.620,00.

[62] "Preferência partidária tem queda histórica", publicada em Valor Econômico dia 05/05/2014, de autoria de Cristian Klein. Disponível em: http://www.valor.com.br/politica/3535916/preferencia-partidaria-tem-queda-historica#ixzz30rBSajTM

27/10/2002, na sua primeira manifestação pública após o resultado oficial das eleições que o consagraram como presidente do Brasil.

Dias antes, a fala era outra. “Eu tenho, por trás de mim, a base da Igreja Católica, uma grande parte dos estudantes, o PT, o movimento sindical, a CUT...” – falou Lula, fumando no avião de José Alencar. Qualificou o Movimento dos Sem-Terra de “fantástico”. A fala, no documentário Entreatos[63], explica como um partido de trajetória extraordinária marchou para o declínio por frustrar esperanças.

Em 1980, o PT nasceu na atmosfera do pensamento de Max Weber, segundo o qual, o poder deveria ser exercido por organizações de grande porte, centralizadas e hierárquicas. Mas o mundo mudou. Agora, temos o micropoder.

Se, em 1980, o Vaticano contabilizava um Brasil de quase 90% de católicos, o Datafolha mostra que em 2013 eram 57%[64]. Em 2030, serão menos de 50%. Dez anos depois, os evangélicos estarão em maior número, segundo o professor José Eustáquio Diniz Alves, do IBGE[65]. Oportunamente, em julho de 2013, a presidente Dilma recebeu 16 artistas evangélicos no Palácio do Planalto. Segundo Damares Alves de Oliveira, cantora gospel, a presidente “fez promessa de melhorias”, enquanto mulheres oravam. “Choramos juntas!”[66] – disse, antes de cantar, no saguão do Palácio,

---

[63] Entreatos é um documentário de 2004, dirigido pelo cineasta brasileiro João Moreira Salles, sobre os bastidores da campanha política de Lula em 2002. Disponível na íntegra em: http://www.youtube.com/watch?v=CAa9zGxFXWo

[64] Matéria de 21/07/2013, “População católica no Brasil cai de 64% para 57%, diz Datafolha”, do G1 em São Paulo. Em: http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/populacao-catolica-cai-de-64-para-57-diz-datafolha.html

[65] “A dinâmica das filiações religiosas no brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia”, de José Eustáquio Diniz Alves, Luiz Felipe Walter Barros e Suzana Cavenaghi. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14570

[66] Matéria de 15/07/2013, “Dilma se encontra com cantoras gospel e recebe orações”, do G1 em Brasília, de autoria de Priscilla Mendes. Em: http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/07/dilma-se-encontra-com-cantoras-gospel-e-recebe-oracoes.html

“Sabor de Mel”, sua música. Estava presente o ministro da Pesca e Aquicultura, Marcelo Crivella, pastor da Igreja Universal do Reino de Deus.

Quanto aos estudantes, antes, eles e seus professores idealistas e engajados estavam nas universidades públicas. Hoje, o país vive a explosão das particulares. São 2.112 contra 304 públicas, segundo o Inep, em 2012[67]. Todas sem qualquer obrigação partidária.

Lula também citou o PT. Mas a sociedade mundial, se pudesse, cuspiria nos partidos. A vitória de Dilma é a prova de que os partidos dependem cada vez menos do apelo popular de seus ideais e mais do marketing, da mídia e dos financiamentos. Quanto aos recursos, o STF está em vias de fechar essa torneira[68]. Também não há mais Delúbio Soares, numa sala comercial de Brasília, escondido pela fumaça do charuto cubano, recebendo empresários, negociando doações e lidando com pedidos variados.

Um agravante é o mensalão, uma lança no símbolo do PT: a ética. Não foi só no Brasil. Em 2008, a Corte Constitucional da Tailândia dissolveu o partido governante por fraude eleitoral. Na Itália, nos anos 1990, a operação Mani Pulite (“Mãos Limpa”), incriminou chefes de partidos. Como consequência, em 1994, o poderoso Partido Democrata-Cristão fragmentou-se. O Partido Socialista foi dissolvido, depois de 102 anos de existência.

Os sindicatos também estão em baixa. Jair Meneguelli foi o primeiro presidente da CUT. Para ele, o movimento sindical está acabando[69].

---

[67] Em: http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior

[68] Pedido de vista do ministro Gilmar Mendes suspendeu o julgamento, pelo Supremo Tribunal Federal, da Ação Direta de Inconstitucionalidade 4650, em que o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil questiona dispositivos da atual legislação que disciplina o financiamento de partidos políticos e campanhas eleitorais (Leis 9.096/1995 e 9.504/1997).

[69] Matéria em 19/08/2013, “’Apartidária’ na fundação, CUT revê, aos 30 anos, elo com governos petistas”, em O Estado de São Paulo, de João Villaverde.

Lula falou do MST, um movimento vitorioso, mas cuja postura, hoje, é *old-fashioned*. Temos o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, o Movimento Passe Livre, a Marcha das Vadias, as Marchas da Maconha, as Paradas Gays, as Marchas para Jesus, o Comitê Popular da Copa, a luta ambiental, a defesa dos direitos humanos, as ONGS internacionais e até os Black Blocs. São muitos, jovens, ágeis que usam um laptop como palanque. E estão sacudindo o mundo.

Na Colômbia, Óscar Morales, em 2008, lançou no Facebook "Um milhão de Vozes contra as Farc"; o russo Alexey Navalny, advogado e blogueiro, liderou a oposição a Putin; Wael Ghonin, um dos líderes da revolução do Egito, era executivo do escritório local da Google. Consciente, Lula esteve com vários blogueiros. Dilma, por sua vez, recebeu lideranças desses movimentos após a hecatombe "O Gigante Acordou". Mas os encontros soam artificiais. Difícil construir laços de lealdade assim.

Há mais obstáculos. Em Fortaleza, Márcio Pochmann, economista ligado ao PT, afirmou que a classe média quer tirar o partido do poder[70]. Talvez por isso, Marilena Chauí tenha gritado: "Eu odeio a classe média!"[71]. Mas o aumento da classe média e de suas reinvindicações são irreversíveis.

Homi Kharas, da Brooking Institution, mostra que "o tamanho da classe média global dobrou de cerca de 1 bilhão em 1980 para 2 bilhões em 2012 e pode chegar aos 3 bilhões até 2020"[72]. Moisés Naím - cuja base teórica conduziu esse tópico -

---

[70] Matéria em 09/06/2014, "Ricos e classe média querem tirar PT do poder, diz economista Pochmann", em O Povo, por Camila de Almeida. Em: http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2014/06/09/noticiasjornalpolitica,3263875/ricos-e-classe-media-querem-tirar-pt-do-poder-diz-economista-pochmann.shtml

[71] Em maio de 2013, durante lançamento do livro "10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma", a professora de filosofia da USP, Marilena Chauí, desferiu pesadas críticas à classe média brasileira. Segundo Chauí, a classe seria "fascista, violenta, arrogante, terrorista, ignorante, uma abominação". Veja o vídeo em: http://www.youtube.com/watch?v=fdDCBC4DwDg

[72] *Apud* NAÍM, Moisés. O fim do poder: nas salas da diretoria ou nos campos de batalha, em Igrejas ou Estados, por que estar no poder não é mais o que costumava ser? Tradução Luis Reyes Gil. São Paulo: LeYa, 2013, p. 89.

, explica que "o motor que move muitas das transformações políticas desses tempos é uma classe média impaciente e mais bem informada, que quer um progresso mais rápido que aquele que o governo é capaz de oferecer, e cuja intolerância a respeito da corrupção tornou-se uma poderosa oposição"[73].

Marilena Chauí vai ficar ainda mais brava. Os brasileiros têm ido ao exterior como nunca. A Independência do Brasil foi estimulada por estudantes que, chegados das potências mundiais, se indignavam com o que viam aqui. No Quênia, Tom Mboya levava caravanas para estudar nos Estados Unidos. De volta, os beneficiados passaram a lutar por melhorias e, posteriormente, trocaram os governantes. O Ciência Sem Fronteiras, no Brasil, tem gerado esse efeito colateral. Qual o sentimento de um acadêmico de engenharia que passa um ano no MIT, em Boston e, na volta, tem de subir numa moto-táxi para visitar elefantes brancos paralisados?

O PT ruma ao declínio. Esse grande partido urbano, operário, de causas sociais e respeitado internacionalmente tem tido o seu poder duramente minado por uma revolução que um dia foi sua: a Revolução dos Pequenos. Nada mais justo.

A prepotência das autoridades

Outro fato que espanca a esperança é a retração das autoridades em se submeterem à crítica pública. Em janeiro de 2014, o jornalista Felipe Recondo, de O Estado de São Paulo, mostrou que o então presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Joaquim Barbosa, teria ganhado, durante as férias, 11 diárias no valor total de

---

[73] NAÍM, Moisés. O fim do poder: nas salas da diretoria ou nos campos de batalha, em Igrejas ou Estados, por que estar no poder não é mais o que costumava ser? Tradução Luis Reyes Gil. São Paulo: LeYa, 2013, p. 91.

R$ 14.142,60[74]. O ministro, que viajava pela Europa, esteve em Sorbonne, onde proferiu palestra. Indagado a respeito das diárias, disse achar a discussão “uma grande bobagem, uma coisa muito pequena”[75]. Antes, havia mandado o mesmo jornalista “chafurdar no lixo” e, em seguida, o chamou de “palhaço”.

Também em janeiro, a presidente Dilma Rousseff teve uma foto divulgada nas redes sociais com o *chef* Joachim Koerper, durante jantar no restaurante Eleven, um dos mais caros de Lisboa. Na época, os brasileiros estavam assombrados com a chance de volta da inflação. A Presidente, questionada, respondeu: “Eu posso escolher o restaurante que for, desde que eu pague a minha conta”[76].

Tais episódios dão razão a Manuel Castells, quando ele diz: “Aqueles que detêm o poder constroem as instituições segundo seus valores e interesses”[77].

Políticas públicas inconsequentes

Além da prepotência, as políticas públicas inconsequentes. Tramita no Supremo Tribunal Federal a ação direta de inconstitucionalidade nº 4.530, de relatoria do ministro Ricardo Lewandowski, ajuizada pelo então Procurador-Geral da República, Roberto Gurgel. Nela, há dados de embrulhar o estômago expondo um fenômeno

---

[74] “STF paga diárias de Barbosa na Europa”, publicada em O Estado de São Paulo dia 14/01/2014, de autoria de Felipe Recondo. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,stf-paga-diarias-de-barbosa-na-europa,1118519,0.htm

[75] “Em Paris, Barbosa diz que polêmica das diárias do STF é 'grande bobagem', publicada em O Estado de São Paulo dia 22/01/2014, de autoria de Andrei Netto, correspondente em Paris. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,em-paris-barbosa-diz-que-polemica-das-diarias-do-stf-e-grande-bobagem,1121487,0.htm

[76] Leia mais em http://oglobo.globo.com/pais/dilma-diz-que-pagou-jantar-do-proprio-bolso-por-isso-pode-ir-aonde-quiser-

[77] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 10.

recente, com ares de crime contra a humanidade, relativo às motocicletas. Está em jogo a constitucionalidade da Lei nº 12.009, de 2009, promulgada pelo presidente Lula, para regulamentar as profissões de mototaxistas, motoboys e motofretistas.

Recentemente, a presidente Dilma Rousseff, alterando a lei pela iniciativa do senador Marcelo Crivella, concedeu adicional de periculosidade de 30% para essas profissões. Em 2011, 11.268 motociclistas não precisariam do adicional. Não que não fosse importante. É que eles morreram no trânsito. São dados do Ministério da Saúde. O número subiu 932,1% de 1996 a 2011. Se o Supremo não se debruçar sobre o tema, não é pessimismo imaginar mais uma condenação na Corte Interamericana de Direitos Humanos. Basta as projeções sombrias.

Quanto mais vulnerável for o cidadão, mais cruel será o efeito que escolhas públicas inconsequentes terão sobre ele. Temos mais de 18 milhões de motos. Entre 1998 e 2011, a frota cresceu 610%. Em 2024, ultrapassará os automóveis. Entre 2011 e 2020 deverão morrer 196,2 mil motociclistas, segundo Julio Jacobo, do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos. Pesquisando o estudo de Jacobo, “Mapa da Violência 2013: Acidentes de trânsito e motocicletas”[78], vi um perfil de vítima comum: garotos de baixo poder aquisitivo do nordeste. Sonhavam com liberdade, dignidade e desenvolvimento. Terminaram caídos sobre o asfalto, envoltos em fraturas graves, banhados no próprio sangue. É clara a necessidade de proteção de direitos fundamentais, daí a oportunidade da discussão no STF.

Essas mortes mostram que o nosso país dirige os jovens de menor poder aquisitivo para profissões cuja chance de sair ilesos é remota. Escolhas públicas, principalmente as inconsequentes, têm consequências. Esse grupo enfrentou as minas. Depois, as carvoarias. Então, os canaviais. Hoje, as motocicletas.

---

[78] Veja a íntegra em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_transito.pdf

Os maus costumes políticos

A política e seus costumes são geradores intensos de desesperança. Para ilustrar, vamos recordar um episódio africano que percorreu o mundo. Em janeiro do ano 2000, em Harare, capital do Zimbábue, o locutor anunciou, com os olhos arregalados, o novo ganhador do prêmio da loteria do Zimbank, banco estatal cujo controle era da União e, na última hipótese, do presidente da República. “Sua Excelência, Robert Mugabe”, disse. Referia-se ao presidente do Zimbábue. Mugabe chefiava a nação, controlava o Zimbank e ganhava na loteria por ele gerida. Não havia instituições virtuosas controlando o poder. Os costumes políticos perversos reinavam.

Não é fácil mudar costumes, principalmente os políticos. Mas é possível - basta lembrar o nepotismo. Atualmente, uma praga a ser debatida é a inauguração de coisas públicas. Elas ofendem a impessoalidade, a moralidade, a paridade de armas da balança política e até mesmo a concepção moderna de República.

Quando jovem, vi em Teresina uma multidão ir ao show de Reginaldo Rossi. O saudoso rei cantaria na inauguração de uma estação de tratamento de água e esgoto. Lá, os líderes políticos fariam todo tipo de personalismo e tirariam o máximo de proveito do que deveria ser uma celebração comunitária. Ministros de Estado inventam inaugurações para levarem aliados políticos a tiracolo e, assim, granjearem dividendos do poder. O mesmo se dá com vereadores, prefeitos, deputados, governadores, secretários, senadores e até presidentes de tribunais. Isso viola a Constituição, porque personaliza algo que não deveria ter cara. “Quem fez a obra foi fulano”, dizem. Isso é uma alienação, pois quem faz a obra, sempre, é a comunidade.

Recentemente, o show de Ivete Sangalo, a um custo de R$ 650 mil, inaugurou um hospital inacabado em Sobral, no Ceará. No mês seguinte, a fachada do hospital desabou. Em 2010, no município de Elísio Medrado, interior da Bahia, o candidato à reeleição inaugurou, com champanhe e trio elétrico, uma lombada de rua.

A política visa, segundo Aristóteles, possibilitar que as pessoas desenvolvam suas capacidades e virtudes para deliberar sobre o bem comum, desenvolver um julgamento ético prático, participar da autodeterminação do grupo e cuidar da vida da comunidade. Qual a melhor forma de inaugurar uma escola? Deixando-a funcionar. E hospitais? Da mesma forma. E pontes? Igualmente. Nada de shows, nem festas, nem fogos. Nada de governantes sorridentes, se autoelogiando, com revanchismos contra seus adversários.

Até os shows precisam ser submetidos à Constituição. A cidade pode se presentear com um espetáculo? Um concerto, por exemplo? Sim, claro. Todavia, é preciso estimular o laço comunitário com os artistas. Plácido Domingos cantou em Fortaleza a um custo de mais de R$ 3,1 milhões para inaugurar um centro de eventos. Segundo a imprensa, o tenor espanhol foi escolhido por ser o preferido da presidente Dilma Rousseff, que sequer pisou lá.

Michael Sandel lembra que, em 2009, Bruce Springsteen deu dois espetáculos no seu estado, Nova Jersey, fixando como preço mais alto US$ 95,00, o que o privou de ganhar algo em torno de US$ 4 milhões. Os Rolling Stones tinham cobrado US$ 450 pelos melhores lugares em sua turnê. Qual a razão disso? A compreensão de que concertos, diferentemente de discos, não são mercadorias, mas eventos sociais. Podem visar o lucro, mas não exclusivamente. “São igualmente eventos de celebração, cujo sucesso depende do caráter e da composição do público”[79], anota Sandel.

Inaugurar coisas públicas da forma que tem sido feito no Brasil corrompe princípios constitucionais valiosos, além de nos arrastar ladeira abaixo nos costumes cívicos. O ideal, para resgatar a nossa esperança, seria acabar com a prática.

---

[79] SANDEL, Michael J. Justiça – O que é fazer a coisa certa. Tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p..

9. A IMPRENSA

“O que representa a morte de Nelson Mandela para os brasileiros?” – perguntou o apresentador da ETV. Eu não sabia bem o que responder. Estava um pouco envergonhado por notar tantas pessoas olhando e um número considerável de jornalistas e fotógrafos. Outros, percebendo a movimentação, se aproximaram, incluindo uma profissional do Die Burger, o conceituado periódico sul-africano.

“O que direi? Como falar em nome dos brasileiros numa ocasião como essa?” – pensei, olhando para a lente da câmera, enquanto o sujeito, segurando o microfone, começava a se impacientar com meu ar reflexivo. Por trás dele, o público, sem disfarçar a curiosidade, me fitava os olhos ansioso por algumas palavras.

Simplesmente deixei sair: “Ele foi um líder mundial extraordinário. Os brasileiros têm ideais semelhantes aos de Mandela. A luta dele foi a luta da esperança, que é nossa também” – declarei.

Ele retrucou indagando a razão pela qual eu estava ali, naquela manhã de domingo, prestando minhas homenagens. “Eu antecipei minha viagem ao saber do falecimento. Agora, aqui, diante de tudo o que vi, percebo o legado que Mandela deixou. Um legado que não é só de esperança, mas uma verdadeira aliança, entre a esperança e a felicidade” - finalizei. O jornalista e seu cinegrafista agradeceram, me cumprimentaram, colheram meu nome e profissão e partiram.

Em seguida, a profissional do Die Burger me abordou. Ela também queria uma declaração. Eu disse: “Todo mundo no Brasil fala sobre a morte de Mandela. Ele era um líder excepcional e uma inspiração para o mundo”. Ela anotou e partiu. Dia seguinte, o jornal estampou a matéria com a minha foto na capa do caderno, grande, trazendo-me com o olhar reflexivo, mas guiado à frente, caminhando diante do campo de flores deixado para Madiba, com a bandeira do Brasil nos ombros.

10. POR UM AMANHÃ MELHOR

"Não me diga que está tudo bem"

Estudantes de Direito frustrados com a força do dinheiro

"Quais princípios constitucionais uma manifestação na Esplanada Ministérios, em Brasília, visa concretizar?" – perguntei aos alunos do curso de Direito, em uma das minhas aulas, cuja finalidade era debater sobre a democracia e a força do dinheiro. "A liberdade de expressão" – respondeu o primeiro. "Liberdade de manifestação do pensamento" – disse o segundo. "Liberdade de associação" – apontou o terceiro. À medida que as respostas vinham, eu ia anotando os princípios na lousa. Em poucos minutos o quadro estava abarrotado: Democracia, República, cidadania, liberdade de convicção, liberdade de ir e vir, diversidade, pluralismo, participação política, representação..., muitos princípios apareceram.

Eram jovens do 2º semestre do curso, cuja média de idade fica entre 19 e 20 anos. Eles têm uma consciência firme de sua posição no mundo e são convictos que o curso de Direito irá abrir portas variadas em suas vidas, não só no que diz respeito a empregos, mas pela formação de pessoas conscientes que contribuirão com a construção de um país melhor. A quantidade de princípios consagrados por manifestações populares na Esplanada dos Ministérios mostra a esperança desses jovens. Para eles, manifestações são legítimas reações populares às insatisfações relativas às ações do Estado ou dos políticos. Quando grupos tomam às ruas, temos a consagração da democracia. É uma esperança jovial que, infelizmente, durou pouco.

Mostrei-lhes a reportagem investigativa publicada em 04 de agosto de 2009, na revista eletrônica Consultor Jurídico, dos jornalistas Rodrigo Haidar e Felipe Coutinho, com o título: "Protesto de Aluguel: Sindicatos compram manifestantes em

Brasília”. Segundo a reportagem, com R$ 40 por pessoa, é possível reunir até dois mil manifestantes na Esplanada dos Ministérios para defender ou atacar qualquer coisa, tomar partido contra ou favor de qualquer um. Encomendas de manifestantes podem ser feitas com tranquilidade e sem qualquer relutância pelo telefone, por qualquer pessoa. A organização fornece todo o *know-how* da manifestação. Ouvido, o secretário-geral da Nova Central Sindical, acusada da prática, defendeu-se: “Todas as entidades sindicais e partidos políticos fazem isso”[80].

Os alunos, esperançosos, acreditavam que manifestações populares nas ruas de Brasília tinham a finalidade de manter intactas as bases da nossa democracia. Com a realidade, a frustração foi generalizada. Esse é um tiro certeiro que a força do dinheiro tem dado na esperança alimentada pela juventude. Eles são apresentados a uma realidade cruel, que consiste no fato de que tudo está à venda. Todos os bens têm um valor, que pode ser negociado dentro de um mercado destinado a trocar princípios por tostões. Esse comportamento prova que os ideais também estão à venda. E que são baratos. Mostra que a participação popular é uma ficção e que nada pelo qual eles lutam ou acham que lutam é real. O cenário é de desesperança.

Quando a ganância corrompe bens preciosos

E não são somente as passeatas. A ganância é um defeito moral caracterizado pelo desejo excessivo e egoísta de obter ganhos. Aliada ao dinheiro, ela tem destruído o senso comunitário que as principais celebrações brasileiras despertam. Desfilar numa escola de samba do Rio de Janeiro, celebrar o carnaval da Bahia, torcer pela seleção de futebol ou apreciar o pôr-do-sol são experiências cívicas. O povo se une

---

[80] Disponível em: http://www.conjur.com.br/2009-ago-04/40-cabeca-sindicatos-alugam-manifestantes-distrito-federal

para, durante algumas horas, dividir um sentimento de unidade, pertencimento e orgulho. Não se constituíram para ser exatamente um negócio. Mas isso tem acabado.

Ser rainha da bateria de uma escola de samba era um prêmio aos laços sinceros com a comunidade, ao talento genuíno da dança e ao engajamento com a escola. Hoje, é possível comprar o posto[81]. Isso é uma forma de corrupção, pois degrada as virtudes que a coroa visa enaltecer.

No carnaval da Bahia, os trios elétricos surgiram como marcha popular alternativa à festa rica dos clubes e mansões. Atualmente, realçam um *apartheid* moderno. De um lado, o *show business*. Do outro, o idealismo dos grupos afros. É a doutrina dos "separados, mas iguais" à brasileira. Quem já pagava muito para entrar no bloco está subindo para os camarotes, para se isolar ainda mais.

No futebol, a compreensão de que se trata de um negócio desnatura as excelências que ele deveria premiar. Isso põe fim aos vínculos sociais e aos sentimentos comunitários inspirados pelo esporte mais popular do país. O modo de encarar a Copa do Mundo pela FIFA mostra até onde a ganância é capaz de ir. Ela pôs fim à confraternização igual para todas as classes.

Nem a natureza escapou. Em Brasília, o Pontão do Lago Sul é um cartão-postal com o pôr-do-sol mais belo da cidade. O espaço público tem palmeiras, um imenso lago e uma brisa relaxante. É a praia da capital. Noivas, casais, crianças e famílias escolhem-no para tirar fotos. Até que a responsável pela exploração comercial

---

[81] Reportagem publicada na Revista Istoé, "Quer ser rainha da bateria? basta pagar. Beldades chegam a desembolsar R$ 200 mil para conquistar o posto mais cobiçado do sambódromo", de autoria de Francisco Alves Filho. Mais em: http://www.terra.com.br/istoe-temp/edicoes/2086/imprime155069.htm

de parte do local passou a cobrar por isso. Uma decisão judicial a impediu, mas fica claro que nada mais é sagrado[82]. Essa realidade bloqueia a esperança.

Michael Sandel lembra que nem tudo está à disposição do dinheiro[83]. Não podemos vender nossos órgãos, nem nossas crianças. É proibido leiloar vagas em creches ou universidades públicas. Daí ser preocupante a dimensão que a ganância tem ocupado na vida pública e nas celebrações cívicas, tais como as passeatas, o desfile das escolas de samba, o carnaval da Bahia, o futebol e até o pôr-do-sol. Colocar esses bens à venda, além de degradá-los, enfraquece os nossos laços comunitários e empurra a consciência coletiva para um egoísmo e esnobismo terríveis. É preciso frear isso.

A decepção dos jovens empreendedores: Eike Batista

Em 2013, o Brasil provou o sabor amargo do susto financeiro. Até então, a esperança dos jovens que aspiravam ficar bilionários explorando o mundo dos negócios tinha um ídolo: Eike Batista.

O gigante do petróleo, do gás, das minas, dos navios, dos hotéis e de tantos outros investimentos, estampava as capas das mais variadas publicações, associado ao sucesso, à vitória e à capacidade que o país tinha de enriquecer aquele que exercitasse a arte da ousadia. Ele chegou a ser apontado, em 2012, pela *Forbes*, como o 7º homem mais rico do mundo. Eike era a esperança de uma geração de empreendedores num país de economia atrativa por meio da qual se era possível assumir riscos, investir e ficar bilionário.

---

[82] Decisão disponível no site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios: http://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2014/maio/juiz-proibe-empresa-administradora-do-pontao-de-cobrar-por-fotos-ou-filmagens

[83] SANDEL, Michael J. Justiça – O que é fazer a coisa certa. Tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Contudo, o gigante dos negócios sucumbiu. Os investidores reagiram mal ao anúncio de que a OGX interromperia a produção nos campos de Tubarão Azul, na Bacia de Campos (Rio de Janeiro), por inviabilidade econômica. A frustração engoliu a esperança. A ambição de uma juventude arrojada foi substituída pelo medo.

Derrubando a muralha das aberrações

Temos que resgatar a esperança para que ela vire um círculo virtuoso capaz de suportar renúncias e incitar a coragem. Pip, o personagem de Charles Dickens em um dos seus mais célebres romances, disse: "Ao habituar-me às minhas esperanças, comecei, sem sentir, a notar o efeito delas sobre mim mesmo e sobre os que me cercavam"[84]. E não há movimento político sem coragem. A política costuma ser feita por heróis, que não são santos, nem irreais. Heróis do povo, de carne e osso, que se lançam na aventura de estabelecer o novo, diante do cinismo dos governantes, da indiferença do poder econômico, do esnobismo cultural e da indignidade legal imposta.

O desafio da esperança é composto por uma muralha de aberrações: políticos corruptos, especuladores financeiros, policiais violentos, mídia subserviente, humilhação frequente, falta de oportunidades na sociedade e na comunidade política, torturas, restrição à liberdade de expressão, tirania social, histeria de militantes políticos, recusa em oferecer aos jovens empregos decentes e moradias acessíveis e a irresponsabilidade do governo e dos parlamentares quanto às queixas dos cidadãos.[85] Manuel Castells diz ainda que a imensa desigualdade social "tornou-se intolerável aos

---

[84] DICKENS, Charles. Grandes esperanças. Tradução Daniel R. Lehman. São Paulo: Martin Claret, 2006, (Coleção a obra-prima de cada autor; 49. Série Ouro), p. 304.

[85] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 108.

olhos de muitos dos que sofriam a crise sem esperança nem confiança. O caldeirão de indignação social e política atingiu o ponto de ebulição"[86]. O caldeirão explodiu.

É uma luta contra o cinismo dos governantes, a imbecilidade trazida com o conhecimento vulgar, a padronização estimulada pela imposição do padrão de consumo, com a alta especulação imobiliária urbana que priva a juventude de ter o seu próprio lar e a histeria e o oportunismo de militantes políticos messiânicos. Como diz o abade Christopher Jamison, "vale a pena parar um pouco para analisar detalhadamente a questão da esperança na nossa vida"[87]. Devemos insistir na construção dos direitos fundamentais baseada na esperança. Ao final, veremos a nação se reconciliar e todos nós voltarmos a sentar juntos no banquete da existência.

---

[86] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 159.

[87] JAMISON, Christopher. Como encontrar a felicidade. Tradução Maria Silvia Mourão Netto. Revisão da Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 147.

11. A BOA-ESPERANÇA

Após a declaração à imprensa sul-africana, observando o conjunto arquitetônico ao redor de mim, as Houses of Parliament, recordei dos momentos que tive num lugar especial, sentado sobre grandes pedras, diante de um oceano infinito testado pelas fortes rajadas de vento, enquanto macacos babuínos, no topo das montanhas, me vigiavam com atenção e distância. Falo do Cabo da Boa Esperança.

O Cabo ficou conhecido pelos europeus por meio das viagens portuguesas que buscavam estabelecer uma rota marítima para as Índias. Bartolomeu Dias chegou em 1487, atribuindo-lhe o nome de Cabo das Tormentas, algo que inevitavelmente remete ao medo, decorrente de vários dias em que os marinheiros sofreram violentas tempestades (tormentas) durante a viagem. O governo português do rei João II, contudo, entusiasmado com a possibilidade de chegar às Índias pela nova rota, não viu razão para o medo e passou a chamar o local de Cabo da Boa-Esperança. Com Vasco da Gama, em 1497, o trajeto tornou-se o principal caminho para as viagens comerciais dos portugueses. Em 6 de abril de 1652, um século e meio depois, o mercador holandês, Jan van Riebeeck, estabeleceu um posto de reabastecimento no Cabo, que evoluiu para se tornar a Cidade do Cabo. Ele chegou em três navios: Dromedaris, Reiger e Boa-Esperança.

Após ter a experiência de passar uma temporada na África do Sul, achei por bem dividi-la, levando adiante um ideal pela qual devemos, sim, lutar. Penso ter sido uma boa oportunidade de conhecer esta fascinante nação, os líderes que em variadas esferas influenciaram a marcha pela igualdade, sua Constituição e como o país se tornou um rico laboratório para pesquisadores de todo o mundo que têm enxergado, no Constitucionalismo Global, uma área repleta de temas cativantes.

Por razões que só o tempo irá mostrar, a vida me guiou para a África do Sul quando era possível prestar minhas homenagens a Nelson Mandela. Ao longo da solenidade, minha mente só pensava na mensagem deste homem e no quanto ela foi fundamental para o constitucionalismo atual daquele país.

12. EXAUSTOS, PENSAMOS EM DESISTIR

“Se vão importar médicos de cuba para melhorar a saúde, então também importem políticos suecos para acabar com a corrupção”

Precisamos nos manter politicamente vivos

O papel da esperança é manter politicamente vivos aqueles que, diante do cinismo dos poderosos, das injustiças das leis e da indignidade das condições de vida impostas pelos maus líderes, começam a se sentir exaustos e pensam em desistir da luta por direitos fundamentais. Esse estado de coisas tenta, pela sua perpetuidade, matar a esperança, pois sem ela não haveria o triunfo deste movimento inspirador. O abade Christopher Jamison alerta: “hoje em dia as pessoas não se dedicam a cultivar a esperança com a mesma energia e a mesma determinação”[88]. Cada dia fica mais difícil.

Movimentos revolucionários dirigidos à melhoria das condições de vida das pessoas precisam de um sentimento agregador que forneça canais de ajuda recíproca durante a longa jornada que costumam percorrer. Além disso, que o sentimento una o grupo, estabelecendo seu foco na busca por uma nova situação, melhor que a anterior, porque mais legítima e voltada ao respeito das diversidades e da liberdade.

Elias Canetti recorda que os conteúdos afetivos principais da massa remontam a um passado distante: “Eles surgem bem cedo; sua história é tão antiga quanto à da própria humanidade, e, no caso de dois desses conteúdos, mais antiga ainda”. Segundo Canetti, “um colorido homogêneo caracteriza cada um deles; uma só paixão principal os domina. Uma vez tendo sido discernidos com clareza, torna-se

---

[88] JAMISON, Christopher. Como encontrar a felicidade. Tradução Maria Silvia Mourão Netto. Revisão da Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 147.

impossível voltar a confundi-los"[89]. Se foi a esperança que manteve a África do Sul ativa politicamente a ponto de reverter os males do *apartheid*, por que não abraçá-la?

Paolo Rossi chama a atenção para o fato de que a humanidade sempre oscilou "numa situação de incerteza, entre a esperança e o desespero" e que em muitos momentos de pessimismo generalizado há o "desaparecimento de toda e qualquer possível, mesmo tênue e pálida esperança"[90]. Estamos numa era de pessimismo no Brasil. Precisamos resgatar a esperança.

Essa degradação tem ares globais. Stéphane Hessel e Edgar Morin denunciam, quanto à França, o curso perverso de uma política cega que conduz a desastres. Eles querem uma via política de salvação pública: "É o anunciar de uma nova esperança" – dizem. Segundo eles, "conscientes da dependência francesa diante da mundialização, muitos se sentem impotentes, resignam-se, caem no fatalismo e, perdendo inteiramente a esperança, despolitizam-se ou se enraivecem"[91].

É exatamente aí onde mora o perigo. Ao abrir mão da esperança, a primeira atitude costuma ser fugir da luta política. Com isso, o poder se agiganta na mão dos maus e, consequentemente, uma adaptação perversa passa a ser sentida. Ao lado de Edgar Morin, Stéphane Hessel dá ainda o diagnóstico dos tempos atuais, nos quais a luta popular baseada na esperança floresce como única via capaz de assegurar a mudança pela qual a sociedade anseia. "A dissolução da crença no progresso histórico, as incertezas do presente, as turbulências econômicas, a crise de civilização, tudo isso alimenta as angústias que, por falta de esperança em um futuro melhor, buscam refúgio nas certezas do passado, retrocedem a uma concepção mutilada da identidade nacional,

---

[89] CANETTI, Elias. Massa e poder. Tradução Sérgio Tellarolli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 47.

[90] ROSSI, Paolo. Esperanças. Tradução Cristina Sarteschi. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 20.

[91] HESSEL, Stéphane. MORIN, Edgar. O caminho da esperança. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 18.

encontram seu bode expiatório no estrangeiro, no imigrante, que, então, passa a ser considerado um inimigo infiltrado no país"[92] – afirmam Morin e Hessel.

A morte do ser político que há em nós vem pelo trabalho estafante alheio aos nossos talentos. Não conseguimos exercer qualquer reflexão. O que resta é seguir o fluxo das coisas e torcer, em silêncio, por um amanhã melhor. A existência se torna miserável. Ela também vem pelo cinismo político, marcado pela corrupção generalizada que nos desestimula a acreditar que há espaço para o que é certo. A força do dinheiro começa a entrar em espaços dos quais deveria estar distante. O interesse pessoal reina, o oportunismo dá as cartas e passamos a perceber que seria difícil demais mudar tudo. Essa apatia é explicada por Michael Walzer: "Perdemos as convicções sobre nossos interesses e princípios, e por isso não podemos confrontar e superar a energia apaixonada dos demais"[93]. Mas é possível mudar isso. E nós vamos mudar.

Como o ativista gay Harvey Milk liderou uma revolução da esperança

Há ainda a negação de direitos a grupos vulneráveis, que não conseguem mobilização suficiente para compor o processo decisório. São minorias silenciosas, anônimas, que passam despercebidas dos grandes debates nacionais e que persistem num estado de invisibilidade diante da distribuição dos bens da vida. O ativista gay Harvey Milk, por exemplo, chamou atenção, na década de 60, nos Estados Unidos, não só para os gays, mas para várias minorias silenciosas.

Num discurso em 24 de junho de 1977, ele disse: "Não posso esquecer os olhares nos rostos de pessoas que perderam a esperança. Sejam elas gays, idosos, negros

---

[92] HESSEL, Stéphane. MORIN, Edgar. O caminho da esperança. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 23.

[93] WALZER, Michael. Política e paixão: rumo a um liberalismo mais igualitário. Tradução Patrícia de Freitas Ribeiro. Revisão da tradução Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008, p. 164.

que procuram um trabalho quase impossível ou latinos tentando explicar seus problemas e aspirações em uma língua estranha". Milk, então, conclama todos a fazerem algo por essas minorias: "Você tem que dar-lhes esperança. Esperança de um mundo melhor, de um amanhã melhor, a esperança de um lugar melhor para ir se as pressões em casa estiverem muito grandes. Esperança de que tudo vai dar certo. Sem esperança, não só os gays, mas os negros, os idosos e os deficientes desistirão"[94].

Milk foi o primeiro gay eleito a um cargo público na Califórnia, como supervisor da cidade de São Francisco.

Minorias silenciosas

O Brasil também tem as suas minorias silenciosas. Em 2010 e 2011, o Mutirão Carcerário do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) percorreu o país fazendo inspeções. Na Delegacia Regional de Pinheiro, no Maranhão, seis presos foram assassinados. Quatro tiveram suas cabeças decepadas e penduradas nas grades. Durante as negociações, presos atiraram um olho humano fora da cela. Três celas sem ventilação no Presídio de Nova Mamoré, em Rondônia, eram divididas por 63 presos provisórios. Dormiam em redes ou colchões que boiavam no chão alagado. Em Pimenta Bueno, detidos nas "celas de castigo" se deitavam para falar com os juízes. A única passagem de ar na porta ficava a um palmo do chão. As celas "tampão" puniam as faltas graves. Os internos passavam, ali, até um mês. Na Penitenciária Feminina de Santana, em São Paulo, detentas improvisavam miolo de pão como absorvente íntimo.

Enquanto esse inferno reina, especulou-se na imprensa que os presos do "mensalão" – julgamento da Suprema Corte que condenou figuras do alto escalão do governo por "comprarem" parlamentares -, iriam sofrer, pois teriam de tomar banho-

---

[94] MILK, Harvey. No discurso: "You've Got To Have Hope".

frio. É esse tipo de desconexão com a realidade que mata a esperança. O cinismo, o privilégio e a presunção arrancam dos brasileiros comuns sua crença num amanhã mais justo. Sem esperança, não há reconciliação. Seguiremos divididos.

Há ainda outras minorias silenciosas. Cíntia é o nome fictício de uma advogada de Brasília. Jovem, ela fica no escritório das 9h30 às 20h30. Almoça na copa. Sábado ou domingo, resolve pendências e sofre algum assédio moral. Luta contra a balança, cultiva problemas na coluna, já teve LER, não tem namorado, sustenta uma mãe saudável, mas desocupada e uma prima que veio do interior. Para relaxar, vai ao bar, pede um chope e acende um cigarro. Se estiver tocando sertanejo, melhor. Se não, paciência. Ganhando R$ 3.000,00 por mês, Cíntia não tem carteira assinada e sua participação societária é ínfima e fictícia. Boa parte do que ganha vai para o aluguel de um apartamento na periferia, que a faz gastar exatas 24h por semana no trânsito, respondendo e-mails pelo celular, no seu carro popular. Sem seguro, o veículo foi financiado em cinco anos. A parcela mais recente não foi paga.

Um apartamento comum em Brasília facilmente custa R$ 1 milhão. Não há chance de Cíntia adquirir um. Pelo menos nesta encarnação. Ela foi expulsa, porque a cidade foi leiloada. Especuladores fazem fortuna com o espaço urbano, num jogo impossível de vencer. “O controle do espaço simboliza o controle da vida das pessoas” – diagnostica Manuel Castells. No Distrito Federal, só o empresário Luiz Estevão possui 3.653 imóveis alugados[95] e propriedades rurais onde caberiam sete cidades[96]. A diferença entre Cíntia e Estevão é explicada na obra “Capital no Século XXI”, do francês Thomas Piketty. Os rendimentos do capital, como imóveis, são maiores do que

---

[95] Os dados são do próprio Luiz Estevão, publicados por Lauro Jardim, em sua coluna na Veja, em 16 de fevereiro de 2013. Mais em: http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/tag/luiz-estevao/

[96] Matéria “Senador cassado Luiz Estevão é o maior dono de terras particulares do DF”, publicada no Correio Braziliense em 13/12/2012, de autoria de Lilian Tahan e Ana Maria Campos. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/12/13/interna_cidadesdf,338943/senador-cassado-luiz-estevao-e-o-maior-dono-de-terras-particulares-do-df.shtml

o crescimento da produtividade dos trabalhadores. A renda do capital é mais concentrada do que a do trabalho, daí a desigualdade[97]. Ou seja: Cíntia está condenada.

Platão nos convidava a cuidar da cidade, buscando assegurar a maior felicidade. No Brasil, o art. 182 da Constituição diz que a política de desenvolvimento urbano deve garantir o bem-estar de seus habitantes, ou seja, a felicidade coletiva.

Os jornalistas Daniele Madureira, André Guilherme Vieira e Letícia Casado alertaram que enquanto não for definida uma política fundiária limitadora da especulação imobiliária que valorize a função social do imóvel, a maioria continuará morando longe e o transporte público persistirá lotado. Na reportagem, Erminia Maricato diz: "há uma valorização obscena do metro quadrado na capital e, por conta dos aluguéis altos, as pessoas moram cada vez mais longe". Já Raquel Rolnik acredita que os jovens querem uma reforma urbana capaz de fazer com que a cidade seja para todos e não apenas para quem tem muito dinheiro[98]. As urbanistas referiam-se à cidade de São Paulo, mostrando que não se limita às capitais tombadas, como Brasília.

Segundo Manuel Castells, "ao assumir e ocupar o espaço urbano, os cidadãos reivindicam sua própria cidade, uma cidade da qual foram expulsos pela especulação imobiliária e pela burocracia municipal"[99]. Ele lembra que a Comuna de Paris de 1871 e as greves de Glasgow em 1915, tiveram por estopim os abusos da especulação na área da moradia, que privava as pessoas de viverem em suas cidades. O jeito foi reagir e ocupar o espaço urbano, à força. Aqui, não é tolice cogitar futuro igual.

---

[97] PIKETTY, Thomas. Capital in the Twenty-First Century (Hardcover) translated by Arthur Goldhammer. Boston: Harvard, 2014.

[98] Disponível em: http://www.valor.com.br/politica/3543894/para-urbanistas-resposta-de-plano-diretor-de-sp-protestos-e-insuficiente

[99] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 15-16.

13. O FIM DO FUNERAL

Achei que era hora de voltar para casa. Eu havia saído cedo, sem tomar café da manhã. Tudo o que queria era prestar minhas homenagens, deixar flores e fixar a bandeira do Brasil em algum lugar do funeral de Nelson Mandela. Aquele domingo me reservou algo muito maior. Pude expressar, como brasileiro, os sentimentos que nutríamos por aquele líder. Um homem de carne e osso, que sempre fez questão de registrar: "nunca fui santo". Caminhei em direção à estação central da cidade. Novamente pegaria uma van, que me custaria outros 4 rands.

"Sea Point! Sea Point!" – gritava o cobrador. Era o meu trajeto.

"Eu irei!" – berrei. Sentado no meu banco, sacolejado pela forte arrancada do motorista, olhei mais uma vez para o funeral, com todas aquelas pessoas e com tantas demonstrações de afeto. Casais abraçados olhando para as flores. Famílias sentadas na praça. Mulheres usando roupas com cores vibrantes, dançando e celebrando a partida de uma pessoa querida. Jornalistas, fotógrafos e escritores colhendo depoimentos. Crianças caminhando vagarosamente sob o olhar de seus pais. Senhoras de idade vendendo ramalhetes perfumados de flores do campo. Cânticos em coro homenageando a África.

"Que coisa extraordinária!" – falei comigo mesmo.

14. #COPAPRAQUEM?

"Quando seu filho ficar doente, leve-o a um estádio"

A Copa do Mundo da África do Sul

Há muitos temas que trazem desesperança ao brasileiro. Um deles é a Copa do Mundo, uma experiência que também foi vivida na África do Sul e que, tanto lá como aqui, deixou uma desesperança tremenda depois que o espetáculo se encerrou. Quando faltava um mês para o início da Copa de 2010, a África do Sul retirou das ruas mendigos e prostitutas. Pessoas consideradas "indesejáveis" foram levadas para lugares distantes. Em Durban, 400 menores foram despejados na periferia. Em Johanesburgo, cegos imigrantes do Zimbábue e mulheres com filhos no colo foram dispersados dos cruzamentos de avenidas onde pediam esmolas. Mais de 20 mil moradores foram removidos para áreas miseráveis. Eddie Cottle, autor do livro *Copa do Mundo da África do Sul: um legado para quem?*[100], afirmou que os sul-africanos se viram forçados a exibirem "ruas limpas" de pobreza. Leis passaram a policiar as profissionais do sexo.

Segundo Cottle, houve uma despesa de 40 bilhões de rands (R$ 9 bilhões), sendo que, mais de 60% da renda do evento veio dos próprios sul-africanos que gastaram com ingressos, hotéis, transporte, camisetas e outros adereços. Estádios foram construídos ou reformados por parceiros da FIFA e firmas de arquitetos internacionais. Parte do material de construção era importada. O mascote da

---

[100] COTTLE, Eddie. South Africa's World Cup: A Legacy for Whom? University of KwaZulu-Natal Press (September 1, 2011).

competição, licenciado pelo *Global Brands Group,* foi produzido por trabalhadores chineses que receberam três dólares por dia trabalhado[101].

Houve ainda constrangimentos. Perto da final do campeonato, a bisneta de Nelson Mandela, Zenani Mandela Junior, faleceu após um grave acidente de carro na saída da cerimônia de abertura do Mundial. O carro no qual estava tombou várias vezes. Ela foi a única vítima. Mandela, prestes a completar 92 anos, se afastou para velar sua bisneta. Mesmo assim, a FIFA exigia sua presença na final da competição para entregar o troféu ao campeão. A família de Mandela e sua equipe médica recomendavam repouso absoluto. Mandla Mandela, sobrinho do presidente, disse, em entrevista à rádio BBC, que a família passava por uma "pressão extrema" e que a FIFA estava sendo "imprudente". O sobrinho pediu que respeitassem o luto, os costumes e as tradições dos povos africanos. Questionado sobre o que achava da presença de Mandela no Soccer City, Joseph Blatter, presidente da FIFA, disse que seria "maravilhoso"[102]. Na final entre Holanda e Espanha, Madiba apareceu cansado, idoso, em luto, vestido de preto, carregado por um carrinho de golfe pelo gramado, acenando uma mão trêmula e forçando um riso contido em consideração ao público.

Cottle alerta que, hoje, "a África do Sul e os países vizinhos estão perdendo mais investimentos locais do que recebendo investimento estrangeiro direto". Os dados que ele traz são desanimadores: O número de postos de trabalho foi estimado em 695 mil para os períodos pré e durante a Copa. No segundo trimestre de 2010, as taxas de empregabilidade diminuíram em 4,7% (627 mil postos de trabalho). No setor

---

[101] É ilustrativa a entrevista que Alexandre Praça fez com Eddie Cottle, para o Le Monde Diplomatique Brasil, em 1º de novembro de 2011, intitulada: "África do Sul 2010: legado no bolso da FIFA e seus parceiros". Alexandre encontrou Eddie em um seminário com operários do setor em Kharkov, Ucrânia, uma das cidades-sede da Eurocopa 2012. Em: http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1041.

[102] Matéria complete disponível em: http://www.dailymail.co.uk/news/article-1293826/Fifa-puts-extreme-pressure-Nelson-Mandela-World-Cup-final.html.

da construção civil, o emprego diminuiu 7,1% (54 mil postos de trabalho) neste período. O ano de 2010 fechou com menos 111 mil postos de emprego na construção.

Eu tive contato com a rejeição que a FIFA desperta nos sul-africanos. “FUCK FIFA” - estava escrito no adesivo grudado acima da porta, na parte interna de uma van que tomei semanas depois do funeral de Nelson Mandela, na Cidade do Cabo. “A FIFA é uma máfia. Ela vai para o seu país, enche as malas de dinheiro e vai embora” - disse-me o motorista, enquanto dirigia sob as regras inglesas de trânsito. “Eles deixaram uns aeroportos novos e vários estádios abandonados. Nós demos todo o nosso dinheiro. Esse foi o legado da Copa”- finalizou.

A Copa das Confederações do Brasil

No caso brasileiro, essa rejeição sequer esperou o campeonato começar. Mais de um ano antes da Copa do Mundo, multidões marchavam nas ruas exibindo cartazes como: “Queremos hospitais padrão FIFA”. Enquanto isso, o secretário-geral da FIFA, Jérôme Valcke, admitiu: “Vou dizer algo que é maluco, mas menos democracia às vezes é melhor para se organizar uma Copa do Mundo. Quando você tem um chefe de estado forte, que pode decidir, assim como Putin poderá ser em 2018, é mais fácil para nós organizadores do que um país como a Alemanha, onde você precisa negociar em diferentes níveis”[103]. Democracia, de fato, dá muito trabalho para a FIFA.

Manuel Castells, referindo-se aos movimentos recentes de lutas por direitos, dentre os quais se inclui o “O Gigante Acordou”, diz: “De início eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois

---

[103] “Excesso de democracia afeta organização da Copa, diz Valcke”, das agências internacionais em Zurique (Suíça), publicada em 24/04/2013 e atualmente disponível no seguinte endereço: http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/04/24/excesso-de-democracia-no-brasil-afeta-organizacao-da-copa-diz-valcke.htm.

ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas na experiência humana real que fora reivindicada”[104]. Aqueles poucos jovens dispersos se transformaram numa multidão nas ruas do país.

Na Copa das Confederações, o Judiciário mineiro proibiu protestos e manifestações públicas, com multa diária de R$ 500 mil, em caso de descumprimento.

A Secretaria de Saúde do Distrito Federal remanejou pacientes de hospitais da região central para outras unidades da rede pública, na periferia da cidade. Pacientes que se deslocaram ao Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) para marcar tomografias, foram informados que os procedimentos estavam suspensos, porque os leitos e os equipamentos teriam de ficar vagos à disposição dos torcedores da Copa das Confederações. Uma senhora com câncer na tireoide, com cirurgia marcada há 3 anos, voltou da sala de operação, sem conseguir se submeter ao procedimento cirúrgico. Márcia do Valle, coordenadora de compras, viu sua sogra ser mais uma vítima. Ela estava internada no HBDF, com uma fratura no fêmur e foi transferida para o Hospital de Sobradinho, distante de onde morava. Com 67 anos, diabetes e artrite, sua pressão e glicose subiram. Ao chegar em Sobradinho, foi levada para a ala pediátrica[105].

No Ceará, 24 municípios tiveram o efetivo reduzido para beneficiar o reforço no policiamento da capital, sede de jogo[106].

---

[104] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 7.

[105] “Saúde do DF remaneja pacientes para abrir vagas em leitos para Copa”, disponível em: http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/saude-do-df-remaneja-pacientes-para-abrir-vagas-em-leitos-para-copa.html.

[106] “PM´s são remanejados do interior para Copa das Confederações, disponível em: http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2013/06/06/noticiasjornalcotidiano,3069264/pms-sao-remanejados-do-interior-para-a-copa-das-confederacoes.shtml.

Mesmo assim, dia seguinte à final do campeonato, o que se noticiava era: “Brasil ganha a Copa das Confederações”.

A Copa do Mundo do Brasil

Manuel Castells fala de um mundo de aflição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal. Ele se refere ao Brasil de hoje. Todavia, destaca que foi a humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor. “De vez que uma característica distintiva da mente humana é a capacidade de imaginar o futuro, a esperança é um ingrediente fundamental no apoio à ação com vistas a um objetivo” – afirma Castells, mostrando o valor da esperança na luta dos cidadãos. E quanto à Copa?

Estima-se que, para a Copa de 2002, a Coreia do Sul e o Japão gastaram US$ 2 bilhões e US$ 4 bilhões respectivamente nos estádios, enquanto na Alemanha os custos foram de US$ 2,2 bilhões. A África do Sul gastou US$ 2,5 bilhões nos estádios. No Brasil, só na reforma do Maracanã foram aplicados mais de R$ 1,2 bilhão, ou seja, 57% do que havia sido previsto em investimento para os 12 estádios, em 2007. O governo responde por quase a totalidade dos recursos. Apenas o Beira-Rio, a Arena da Baixada e o estádio do Corinthians são financiados, parcialmente, por grupos particulares, sendo que, mais da metade do dinheiro vem do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)[107].

---

[107] “Em seis anos gastos com estádios já aumentaram mais de 200%”, disponível em: http://extra.globo.com/esporte/copa-2014/copa-2014-em-seis-anos-gastos-com-estadios-ja-aumentaram-mais-de-200-8360900.html#ixzz2WVahUydA.

Não bastasse se tratar de uma Copa caríssima[108], com investimentos dos cofres públicos, a relatora especial do Conselho de Direitos Humanos da ONU, a reconhecida urbanista Raquel Rolnik, chamou a atenção para deslocamentos de comunidades, destruição de patrimônio cultural, supressão de direitos de idosos e estudantes, abusos policiais cometidos em prol da segurança e uma longa lista de violações.[109] A ONU buscou a FIFA para tratar do assunto. Não foi recebida.

Em Minas Gerais, o Ministério Público Federal encaminhou uma recomendação à Prefeitura de Belo Horizonte, para que não removesse as famílias da Rua Lótus até regularizar a situação das desapropriações. A rua daria lugar a uma obra de infraestrutura urbana para a Copa de 2014. Os oficiais da Prefeitura chegavam às 8h nas casas, liam um ofício e davam até às 17h horas do mesmo dia para as famílias irem embora. De acordo com a denúncia, alguns moradores foram despejados há muitos meses e não receberam as indenizações[110].

O Ministério Público Estadual recebeu denúncias contra a implantação, em Belo Horizonte, de uma política de "higienização social". Mendigos estariam sendo recolhidos compulsoriamente. Militares jogaram os pertences de três moradores de rua em um caminhão. Depois, algemaram e os levaram embora. De acordo com Rafael

---

[108] "Copa de 2014 será mais cara da história, diz consultor do Senado", publicada em O Estado de São Paulo dia 26/06/2011, por Eduardo Simões. A matéria mostra levantamento da Consultoria Legislativa do Senado da República apontando gastos da ordem de US$ 40 bilhões. "O nosso país, dono de vários recordes no futebol mundial, já tem mais um: o da Copa mais cara de todos os tempos", afirmou o consultor legislativo do Senado para as áreas de Turismo e Esporte, Alexandre Guimarães. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/geral,copa-de-2014-sera-mais-cara-da-historia-diz-consultor-do-senado,738530,0.htm

[109] Relatório completo acessível em: http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=38189.

[110] "MPF recomenda interromper desapropriações para a Copa em BH", disponível em: http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/mpf-recomenda-interromper-desapropriacoes-para-a-copa-em-bh.

Bittencourt, membro das Brigadas Populares, “os recolhidos são levados para bairros distantes, pois os abrigos não suportam todos”[111].

Em Cuiabá, só no primeiro semestre de 2013, foram registrados, pelos Conselhos Tutelares da capital, 134 casos de abuso e exploração sexual de menores, decorrentes da grande mobilização em torno da Arena Pantanal e das obras estruturais. Além disso, a Copa intensificou a especulação imobiliária que tem dominado os centros urbanos brasileiros, privando a juventude de ter um lar. Foi a Copa das Copas.

“É a Copa do Mundo, Seu Raimundo!”

Vamos conhecer outro personagem desta Copa. Seu Raimundo tinha 68 anos e é a representação de muitos brasileiros. Nunca havia saído do interior de Minas Gerais. Ficou viúvo e não tinha nenhum dos sete filhos por perto. Segundo o dono da mercearia, foi ali que começou a ficar triste. Ano seguinte, levou uma queda e quebrou a bacia. Não fosse a ajuda do carteiro, teria morrido, caído no chão do banheiro.

Os filhos se assustaram. Zito, o caçula, solteiro, o recebeu em Brasília, na sua quitinete localizada numa quadra comercial de Taguatinga. No primeiro ano, seu Raimundo passava o dia assistindo TV, sem falar, vestido na sua camisa de botão e calça de linho. Queria ir embora, mas sua casa já havia sido vendida. Ele jamais foi convidado, em Brasília, para almoçar com o vizinho, nem a um batizado, casamento, aniversário ou a uma quermesse. No segundo ano, veio a depressão. No terceiro, o câncer. Nesse, a metástase.

---

[111] “Mendigos são recolhidos para BH ficar bonita para turistas”, disponível em: http://www.hojeemdia.com.br/minas/mendigos-s-o-recolhidos-para-bh-ficar-bonita-para-turistas-1.135010.

Foram a um hospital em Taguatinga. Buscavam uma morte digna, com cuidados clínicos, corpo médico presente, enfermeiros, medicamentos e diagnósticos. “Saber que a morte tá próxima num é bão não, fio” – disse o pai para o filho, depois de ver o sofrimento das pessoas no hospital. Desabaram em choro.

Em razão da Fan Fest em Taguatinga (área com telão para os torcedores assistirem às partidas e festejarem), 20% dos leitos estão reservados para a Copa do Mundo. Um remanejamento era possível, mas diante do quadro, não valia a pena. O mesmo tem ocorrido em hospitais do Plano Piloto. A Copa é isonômica: ela pune a todos os necessitados, igualitariamente. “É a Copa do Mundo, seu Raimundo!” - justificou o médico, com os olhos fundos, dentro de um jaleco branco amarrotado, na sua vigésima quarta hora de plantão.

Zito gritou, xingou e prometeu acabar com a presidente Dilma, com José Sarney, com Agnelo, com Collor, com Fernando Henrique, com Joaquim Roriz..., com todos os políticos do mundo. Quando se recuperou, viu o pai na calçada, trêmulo, indo embora. Foi ao seu encontro. Juntos, partiram.

O legado da Copa chegou cedo para os desabrigados, os vendedores ambulantes, os catadores de latinhas, os residentes nas áreas ao redor dos estádios, os flanelinhas, as crianças prostituídas e os pedintes de rua. Também chegou para seu Raimundo, que morreu na madrugada da quarta- feira seguinte, deitado no sofá da quitinete do filho. O corpo foi mandado para o interior de Minas. Dos sete filhos, quatro compareceram ao enterro. Zito não foi. A empresa na qual trabalha, não o liberou.

Minutos depois do sepultamento, a presidente Dilma, em Minas Gerais, disse que era para todos comemorarem a Copa do Mundo “tomando uma cervejinha”[112].

---

[112] Matéria de Samantha Silva e Filipe Matoso, publicada no G1 em 30/05/2014, com o título: “Brasileiro vai comprar 'cervejinha' e torcer pela seleção na Copa, diz Dilma”. Em: http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/05/brasileiro-vai-comprar-cervejinha-e-torcer-pela-selecao-na-copa-diz-dilma.html

Sempre ajoelhados?

É inadmissível que uma escolha com a de sediar uma Copa do Mundo tenha sido feita sem se permitir que os cidadãos participassem por meio de instrumentos da democracia direta como o plebiscito. Saint Moritz, na Suíça, Munique, na Alemanha e Estocolmo, na Suécia, realizaram plebiscitos cujo resultado foi a negativa a que estas cidades se candidatassem a sediar os Jogos Olímpicos de Inverno de 2022.

De que adianta encerrar uma relação de submissão com o Fundo Monetário Internacional (FMI) – que nos emprestara dinheiro num momento grave -, e estabelecer uma nova relação subserviente, desta vez com a FIFA?

Apesar de tudo, o movimento “O Gigante Acordou”, que criticava, dentre outros fatos, a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo, durou muito pouco para que tivesse feito surtir qualquer resultado efetivo. Foi uma massa efêmera unida por um interesse passageiro. Gustave le Bon, ao falar das massas efêmeras, aponta que elas se juntam rapidamente com indivíduos heterogêneos, por interesse passageiro, como as massas revolucionárias da Revolução Francesa[113], cujo resultado efetivo não se viu. Uma pena, pois mostra que a indignação não foi suficiente a manter a persistência.

---

[113] *Apud* FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 34.

15. O PRAZER EM CLIFTON

Tendo ido embora da Praça do Parlamento, onde ocorria a solenidade por ocasião do funeral de Nelson Mandela, saltei da van em Clifton, uma praia paradisíaca encravada numa área residencial da Cidade do Cabo. Depois de ver, mais uma vez, o motorista arrancar com o cobrador do lado de fora da janela gritando o trajeto, fui caminhando em direção ao mar. Tirei o sapato para sentir a areia fria ultrapassando os dedos até cobrir a parte superior dos meus pés, escorrendo como uma cachoeira de micro-cristais.

Um sol extasiante tinha seus raios refletidos pelo mar frio de Clifton. Ondas já sem força banhavam a areia branca, enquanto casais caminhavam pela praia. Árvores mostravam um verde lindo e eram desafiadas pelas rajadas de vento. As laterais da vista eram premiadas com montanhas indescritíveis. O som das ondas do mar parecia uma orquestra natural, que me convidava a refletir: Quanto de sofrimento uma pessoa pode suportar pela esperança de que devemos viver num mundo igualitário? A esperança na luta pela construção dos direitos pode não ter limites.

O funeral de Nelson Mandela representou um daqueles raros momentos dos quais saímos melhores do que entramos. Percebi que uma chuva de perdão lavou o solo repleto de sangue da África do Sul. Mandela costumava advertir: "Nós podemos ter prosperidade ou nós podemos ter vingança. Mas não podemos ter os dois. Vamos ter de escolher"[114]*. Enquanto isso, países como o Zimbábue são o retrato do rancor racista. Hoje, zimbabuanos migram para a África do Sul em busca de prosperidade. Não o contrário. Com razão, David Schmidtz recorda que "muitos dos responsáveis pelo apartheid estavam bem vivos nessa época e, de forma alguma, fora do alcance da*

[114] SCHMIDTZ, David. Os elementos da justiça. Tradução de William Lagos; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 322.

lei. Todavia, mesmo assim, o objetivo de Mandela (assim como o de Desmond Tutu) era a reconciliação e não a vingança. Ele queria evitar que o legado do apartheid continuasse a pairar sombriamente sobre as gerações futuras"[115].

Mandela, num percurso repleto de desacertos e que contou, na sua base, com muitos episódios violentos, inspirou um povo a seguir com esperança em busca de uma vida mais justa, abraçando o caminho da reconciliação. Esta é uma lição que devemos aprender e implementar, sempre que formos chamados a participar da jornada pela construção de direito fundamentais.

---

[115] SCHMIDTZ, David. Os elementos da justiça. Tradução de William Lagos; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 323.

16. VIOLÊNCIA POPULAR CONTRA UM GOVERNO VIOLENTO

“Nossos sonhos são a prova de balas”

O risco de abraçarmos a violência

Esperança não é alheamento ou distanciamento. Ter esperança não é simplesmente contemplar. É acreditar que o amanhã será melhor e que, para isso, é preciso persistir na luta por direitos fundamentais. Da falta de esperança, vem o medo e, com ele, o desespero. O desespero gera atitudes impensadas, o que resulta, inevitavelmente, em violência generalizada, perda da razão, mortes, prisões e, mais uma vez, na guinada rumo a tensionamentos persistentes. Daí nasce o ódio. Sobre o fato de a falta de esperança acarretar excessos vinculados à violência, Stéphane Hessel afirma que esse gesto pode ser explicado pela exasperação. Segundo ele, “podemos dizer que o terrorismo é um tipo de exasperação. E que esta exasperação é um termo negativo. Não se deveria ‘ex-asperar’, mas sim ‘es-perar’. A exasperação é uma negação da esperança”. Hessel continua, em alusão à violência: “ela não permite obter os resultados que eventualmente podem ser produzidos pela esperança”[116].

Durante o *apartheid*, a África do Sul passou por esse período de exasperação, tendo havido, inclusive, luta armada e a morte de inocentes. Contudo, hoje, graças a uma Constituição generosa e ao engajamento popular, o país tem dado saltos quanto à concretização de direitos fundamentais que até bem pouco tempo eram utopia, tornando possível o empoderamento dos mais variados grupos, base de toda sociedade democratizada e politizada.

[116] HESSEL, Stéphane. Indignai-vos! Tradução: Marli Peres. São Paulo: Leya, 2011, p. 29.

Devemos notar que a violência corrompe o ideal da esperança e, com isso, deixa o grupo dividido, enfraquecendo um capital humano fundamental para qualquer luta pelo estabelecimento de uma ordem mais justa. É o preço da revolução fundada na esperança. Nas palavras de Sartre: “Precisamos tentar explicar porque o mundo de hoje, que é horrível, não passa de um momento no longo desenvolvimento histórico; que a esperança sempre foi uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições, e como eu ainda tenho na esperança minha concepção de futuro”[117].

Stéphane Hessel alerta que “a violência dá as costas à esperança”, razão pela qual “devemos preferir a esperança, a esperança da não violência”[118]. Não é bom para essa jornada, que se insira a violência como um dos seus componentes, ainda que excepcional ou temporariamente. Sequer deve-se supor que as razões seriam justas. Portanto, corrompe a marcha baseada na esperança tanto um governo autoritário quanto movimentos violentos, pois ambos dividem a sociedade, fragmentam as expectativas, acabam com a coesão necessária para ampliar a força do grupo e, ao final, inevitavelmente guiados pelo ódio, abraçarão a revanche, que é a negação da esperança, uma vez que o ápice desta, sempre e sempre, deve ser a reconciliação.

O que os *Blacks Blocs* têm em comum com os governantes

Um exemplo, no Brasil, de perda de esperança e a consequente opção pela violência foi visto em 2013, com os *Blacks Blocs* nas ruas das grandes capitais do país, durante gigantescas manifestações exigindo melhores condições de vida e qualidade dos serviços públicos (O Gigante Acordou).

---

[117] SARTRE, Jean Paul. LÉVY, Benny. L’Espoir maintenant. Les entretiens de 1980 (III), in Le Nouvel Observateur, Nouvelle edition. Citado também em HESSEL, Stéphane. Indignai-vos! Tradução: Marli Peres. São Paulo: Leya, 2011.

[118] HESSEL, Stéphane. Indignai-vos! Tradução: Marli Peres. São Paulo: Leya, 2011, p. 32.

Hannah Arendt vê uma conexão entre governos absolutos e rebeldes absolutos: "Quanto mais absoluto for o governo, mais absoluta será a revolução que vem a substituí-lo"[119] - afirma. Logo, governos autoritários tendem a enfrentar forças violentas. Esse raciocínio ajuda a entender a explosão dos *Black Blocs*, um movimento cujo comportamento se assemelha ao raciocínio de Lívio: "É justa a guerra que é necessária, e sagrada são as armas quando não há esperança senão nelas".

Vivemos numa democracia. Mesmo assim, decisões públicas são tomadas sem discussões coletivas de qualidade. Não é exagero afirmar que temas como a Copa do Mundo, o Programa Mais Médicos e a folclórica convocação de uma constituinte, foram decididos de maneira autoritária. Atualmente, autoritarismo não é somente surrar cidadãos nas ruas ou atirar inocentes em calabouços. Desconsiderar a necessidade de liderar a sociedade para que ela chegue a uma boa decisão por meio do debate político é, na concepção *soft power*, uma postura autoritária.

Vamos a um exemplo. A presidente Dilma Rousseff pediu, enquanto chefe de Estado, perdão ao médico cubano Juan Delgado, que ouviu berros de médicos e médicas no aeroporto de Fortaleza, ao chegar para participar do Programa Mais Médicos. Fazer um pedido público de desculpas passa por um julgamento que deve ser compartilhado. Segundo Michael Sandel, tentativas de produzir pedidos de perdão públicos, às vezes, "podem ocasionar mais malefícios do que benefícios – ao reacender antigas animosidades, acirrar inimizades históricas, impor a ideia de que as pessoas sejam vítimas ou gerar ressentimento". Sandel realça que "saber se, após todas as considerações, é mais provável que um pedido de desculpas ou uma indenização cure ou

---

[119] ARENDT, Hannah. Sobre a revolução. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

aprofunde as feridas de uma comunidade política é uma questão complexa de julgamento político”[120]. No caso brasileiro, a comunidade foi excluída do processo.

A líder escolhida pela maioria da nação para fazer julgamentos políticos, neste caso, o fez de maneira autoritária, pois tomou uma atitude cujas consequências são imensas sem dividir suas intenções de fazer esse pedido público de perdão. E quanto à blogueira Yoani Sánchez? Ela também é uma cubana que, chegando ao Brasil, ouviu desaforos. Seria legítimo que quiséssemos nos desculpar com ela. Qual a razão que levou à presidente a se desculpar com o médico e esquecer a blogueira?

Autoritarismos governamentais foram contrapostos por autoritarismos populares. Falo dos *Black Blocs*. Para entendê-los, vamos à história, retratada por Daron Acemoglu e James Robinson. O Castelo de Windsor, a oeste de Londres, é uma bela residência real inglesa. No começo do século XVIII, era cercado por uma imensa floresta, cheia de cervos. Em 1722, um guardião da floresta, Baptist Nunn, viu-se em meio a um conflito violento. “Os Negros chegaram no meio da noite e atiraram três vezes duas balas na janela do meu quarto” - anotou em seu diário. “Mais uma surpresa. Apareceu-me um embuçado com uma mensagem de destruição” - registrou Nunn, dia seguinte. Os misteriosos “Negros” eram grupos de homens locais que “escureciam” o rosto para não ser reconhecidos à noite. Eles “apareciam por todo o sul da Inglaterra, matando e mutilando cervos e outros animais, ateando fogo a fardos de feno e celeiros, destruindo cercas e açudes. Eles não estavam matando os animais para comer; dedicavam-se mesmo à destruição”[121] – anotam Daron Acemoglu e James Robinson.

Em maio de 1723, o Parlamento promulgou a Lei Negra, com uma lista de 50 novos delitos passíveis de condenação à forca, dentre eles, andar com o rosto

[120] SANDEL, Michael J. Justiça – O que é fazer a coisa certa. Tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 262.

[121] ACEMOGLU, Daron. ROBINSON, James. Por que as nações fracassam: as origens do poder, da prosperidade e da pobreza. Tradução Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 235.

enegrecido. Baptist Nunn montou uma rede de informantes na Floresta de Windsor. Ele descobriu a identidade dos Negros e vários foram presos. Alguns foram inocentados, outros sequer foram julgados. Houve quem tivesse as penas comutadas. Contudo, muitos foram condenados à forca ou ao degredo na colônia penal na América do Norte. Em 1824, a Lei dos Negros foi abolida.

Qual a relação entre muitos governos, os *Negros* e os *Black Blocs*? A crença de que a força é melhor que a persuasão racional no que diz respeito ao debate público. Para ficarmos livres de manifestantes autoritários, basta a lei. Contudo, o governo precisa exercitar o "governo brando" e participativo, que discute num livre mercado de ideias os efeitos de suas políticas mais importantes. Liderar um povo tomando decisões com base na força é tão autoritário quanto incendiar um carro ou quebrar a vidraça de um banco, atitudes dos *Black Blocs.*

17. ADEUS, MADIBA!

De volta ao lugar onde deixou depositados seus momentos mais felizes, a aldeia de Qunu, Madiba, finalmente, descansou. Qunu era tudo o que ele conhecia e ele a amava do modo incondicional como que uma criança ama seu primeiro lar.

> *"Eu vi as choupanas simples e as pessoas com seus afazeres; o riacho onde eu havia mergulhado e brincado com os outros garotos; os milharais e pastagens verdes onde manadas e rebanhos pastavam preguiçosamente. Imaginei meus amigos caçando pequenas aves, bebendo o leite doce do úbere da vaca e se divertindo na lagoa localizada no fundo do riacho. Acima de tudo, meus olhos se puseram sobre as três choupanas simples onde eu havia desfrutado o amor e a proteção da minha mãe. Eram a essas três choupanas que eu associava a toda a minha felicidade, à própria vida".*

O trecho acima foi escrito por Nelson Mandela, em suas últimas anotações. Referia-se ao lugar para onde, tempos depois, seu corpo seria enviado, no sepultamento de um extraordinário homem que, sem ser um santo, nem buscar a perfeição, manteve viva o quanto pôde a esperança por um amanhã mais justo. Um amanhã, que é nosso também.

18. A CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

“#VemPraLuta”

Um solo irrigado por sangue é um solo infértil

Freud esclarece que “as massas são também capazes, sob influência da sugestão, de elevadas provas de renúncias, desinteresse, devoção e um ideal”[122].

A máxima freudiana foi verificada na África do Sul. Basta recordar da declaração de Mandela, sobre seu ideal de igualdade, diante do tribunal que poderia condená-lo à morte: “É um ideal no qual deposito a esperança de viver e alcançar. Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer”. Estamos falando de uma marcha formada por grandes contingentes de pessoas, durante décadas, motivada pela crença sincera de que o acesso a um amanhã melhor é algo pela qual vale à pena esperar, cujos líderes pedem uma postura não-violenta, mas altiva, corajosa e insurgente contra a força do poder. Esse movimento viveu suas crises de esperança, envolvendo, em suas estratégias, práticas violentas. Contudo, essa iniciativa contou com a resistência de seus máximos líderes, os guerreiros da liberdade, que não permitiam que a tortura ou o assassinato fosse algo ensinado, praticado e passado de geração para geração.

Albie Sachs, outro guerreiro da liberdade com quem estive durante minha temporada no país, esclareceu-me o seguinte: “Durante anos, acreditamos na estratégia da não-violência. Isso se deu, em parte, para evitar um banho de sangue racial do qual poderíamos não nos recuperar jamais. Mesmo quando todas as vias de protesto pacífico

---

[122] FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 27.

foi proscrito e nosso movimento acabou por embarcar em resistência armada, ele denunciou todo e qualquer recurso ao terrorismo". Segundo Albie, outros movimentos ao redor do mundo usavam práticas terroristas e muitos jovens do Congresso Nacional Africano (ANC) – partido de Nelson Mandela -, perguntavam por que a liderança deles se recusava a fazer o mesmo: "A nossa liderança respondeu com um enfático 'Não', pois havia o perigo de que a nossa luta contra o *apartheid* viesse a ser vista apenas como uma luta pelo poder e pela sobrevivência entre dois grupos raciais" – explica.

"A razão que levou Oliver Tambo e outros líderes do ANC a repudiar o terrorismo, foi o fato de eles não quererem que nós desenvolvêssemos a alma dos terroristas. Como você pode lutar pela liberdade se você mata indiscriminadamente? É muito difícil reparar mentes perturbadas que fervem de ódio passado de geração para geração"[123] – finalizou Albie Sachs.

O sentimento deste grande juiz constitucional sul-africano se alinha à mensagem de David Schmidtz, quando este afirma: "Quando se pratica vingança contra descendentes inocentes, cada ato de vingança se transforma em uma outra conta que precisa ser acertada com os descendentes inocentes de uma outra pessoa (...) Um ciclo de vingança infligido a descendentes inocentes só poderá terminar quando as pessoas estabelecerem como objetivo alguma coisa diferente, alguma coisa com uma oportunidade real de preparar o cenário para um futuro mais pacífico"[124].

Uma nação adoece quando seus líderes, direta ou indiretamente, plantam ou toleram o medo, o ódio, a divisão e a revanche na mente das pessoas. O solo passa a ser irrigado com torrentes de sangue que fazem germinar o rancor passado de geração para geração. Mesmo se falarmos dos últimos anos, o constitucionalismo desenvolvido

---

[123] "A Conversa com Albie Sachs", disponível em: http://www.osconstitucionalistas.com.br/a-conversa-com-albie-sachs

[124] SCHMIDTZ, David. Os elementos da justiça. Tradução de William Lagos; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, p. 322.

na África do Sul difere do que se tenta impor agora na Tunísia ou Líbia, uma vez que aquele foi sustentado por um sentimento de esperança cujo fruto foi a reconciliação da nação, enquanto os movimentos vistos nos outros dois países têm por marca uma altercação entre medo e violência, cujo resultado final, como se vê, tem sido a revanche.

O estopim da Primavera Árabe: Mohamed Bouazizi

"O que eu posso fazer agora? Eu devo pesar minhas frutas usando os seus dois 'peitos'?" - berrou Mohamed Bouazizi, para a oficial da polícia municipal Fayda Hamdi, na pequena cidade de Sidi Bouzid, centro da Tunísia. O jovem de 26 anos estava furioso por ter seus produtos e sua balança apreendidos pela falta de autorização para vender frutas na feira. A policial lhe deu um tapa na cara diante de todos, humilhando-o. Ele levou sua queixa para as autoridades municipais, que se recusaram a tomar providências. "Se vocês não fizerem nada, eu vou atear fogo em mim" - ameaçou. Com a inércia das autoridades, Bouazizi cumpriu a promessa e se auto-imolou. Dia 4 de janeiro de 2011, 18 dias depois, ele morreu no Hospital Militar de Ben Arous.

As chamas lançadas ao próprio corpo pelo vendedor de frutas acenderam um número incontável de pavios que se espalharam por muitos países, consagrando o que o mundo denominou de Primavera Árabe, uma onda de revoluções e protestos sem precedentes na região[125]. Pelas lições de Elias Canetti, sabemos que o vento é invisível, "mas o movimento que empresta às nuvens e às ondas, às folhas e à grama, constitui uma de suas manifestações, e elas são muitas"[126]. Não tardaria para que a ventania social da Primavera Árabe desse provas da sua força.

[125125] Trabalho primoroso explicando a Primavera Árabe em BOWEN, Jeremy. The Arab Uprisings: The People Want the Fall of the Regime. London: Simon & Schuster, 2012.

[126] CANETTI, Elias. Massa e poder. Tradução Sérgio Tellarolli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 86.

A insatisfação no país expôs as disparidades quanto ao desenvolvimento regional, o desemprego em massa da juventude, a corrupção e o nepotismo, a repressão política e a falta de liberdades civis, a insuficiência dos direitos das mulheres e a imposição de leis religiosas por grupos muçulmanos radicais. O vento da Primavera Árabe correspondeu à reação das massas invisíveis que jaziam subjugadas pela força de um governo autoritário. Como diz Elias Canetti, "o vento revela-se adequado para representar as massas invisíveis"[127].

Mas após tudo o que foi feito, a pequena cidade de Sidi Bouzid mostra descontentamento com os resultados da revolução. "Durante os eventos para marcar o segundo aniversário da auto-imolação de Mohamed Bouazizi, mais de 5 mil pessoas saíram às ruas para expressar o descontentamento com o lento progresso econômico e social na região desde a revolução"[128] - afirma Alcinda Honwana. Essas grandes marchas, motivadas por um episódio que ilustra o grau de humilhação experimentado pelas pessoas, têm sintonia com os ensinamentos de Le Bon, quando admite que "a moralidade da massa, em algumas circunstâncias, pode ser mais elevada que a dos indivíduos que a compõem, e que apenas as coletividades são capazes do mais alto desinteresse e devoção"[129]. A tragédia de Bouazizi acendeu a centelha naquela comunidade, dando uma demonstração de que episódios dramáticos podem servir de catalisador do grupo contra a apatia.

---

[127] CANETTI, Elias. Massa e poder. Tradução Sérgio Tellarolli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 86.

[128] HONWANA, Alcinda. Youth and Revolution in Tunisia. London: Zed Books, 2013. In association with International African Institute, Royal African Society and World Peace Foundation, p. 152.

[129] FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 32-33.

Enquanto a Líbia insistir na revanche, nada feito

A Líbia também foi varrida pela Primavera Árabe. O resultado foi o fim da ditadura de 42 anos liderada por Muamar Khadafi, o “cachorro louco”. Passada a revolução, a juventude que a compôs sente o sabor da liberdade, mas tendo a responsabilidade de ajudar a reconstruir o país.

“Na época de Kadhafi, ninguém podia falar mal dele. Seríamos mortos” - afirma um colega que fiz na Cidade do Cabo. Ele lutou durante três meses contra o regime, uma luta que incluía, claro, usar tanto quanto possível sua AK 47. “Quando a revolução acabou, tivemos de comer grama por três dias” -, revela, arrastando as mãos no chão para explicar sobre do que estava falando. “Não havia eletricidade, alimentos, nada. Depois a Tunísia começou a mandar ajuda” – afirma o colega.

Estávamos na área de lazer da sua escola, sentados em bancos coletivos, embaixo de uma árvore frondosa que nos garantia uma excelente sombra. “Se eu quisesse viajar para algum lugar, tinha de pedir ao governo de Khadafi. Depois, esperar meses e meses. Se fosse seu amigo, a autorização sairia dia seguinte” – diz ele, enquanto a fumaça do cigarro que saía de sua boca e nariz era levada pelo vento. Quando perguntei se havia homens armados andando nas ruas de Trípoli, a resposta do mais jovem do grupo foi desconcertante: “Sim. Como nas favelas do Brasil” – respondeu-me, mostrando uma estranha tranqüilidade em relação à luta armada dos jovens e a chance inevitável de morte entre eles.

Essa adaptação à violência, que tolera duelos mortais entre jovens em nome de um ideal, faz muito mal à nação e à sua gente. Mesmo nas favelas brasileiras a cultura da morte por rivais é algo institucionalizado socialmente. Garotos armados combatem-se reciprocamente por disputas tolas. Esse fenômeno decorrente do acesso fácil a armamento pesado combinado com a vivência em regiões que cultuam a força, faz lembrar o alerta de Francis Bacon: “É um efeito infeliz que homens jovens, cheios de futuro e esperança – ou, tal como dizem, *aurora filii*, filhos da aurora – [...] sejam

desperdiçados e destruídos de maneira tão vã; mas é de se deplorar muito mais quando tanto sangue bom e nobre é derramado por tais tolices"[130].

Outros líbios tinham planos de se tornarem pilotos de avião. Perguntei para o acadêmico de medicina, se ele não tinha medo de pegar em armas. "Quando você se vê diante da necessidade de proteger sua família, não tem escolha" - respondeu-me.

A reconstrução de um país é uma tarefa árdua. Não é algo que possa ser feito sem compromissos irrenunciáveis. O sabor da liberdade sentido desde a revolução serve de inspiração para estruturar uma sociedade mais aberta e tolerante. Contudo, é preciso colocar a mão na massa. Rápido. A população da Líbia está completamente armada. Com a queda de Kadhafi, todo o armamento dos seus homens foi apanhado pelos civis. Médicos, professores, estudantes…, todo mundo tem pelo menos duas armas em casa. Além disso, a visão do futuro dos jovens líbios mostra que as cicatrizes deixadas pela revolução ainda estão abertas. Isso traz o risco inevitável de revanche.

"Há 10% da população que era ligada ao governo de Kadhafi. Esse é o problema" - afirmou meu colega. Perguntei se não seria melhor perdoá-los. "Tudo bem. Desde que eles fiquem quietos em suas casas ou quartos. Se saírem por aí, se começarem a trabalhar, eles nos trarão problemas" - encerrou, dando a última baforada antes de se levantar e voltar para sua aula.

Esperança e reconciliação: não tem como dar errado

As experiências com as revoluções desses países africanos, Tunísia e Líbia, servem para realçar que o que se defende aqui é que o triunfo não pode incitar a

---

[130] BACON, Francis; SPEDDING, James (org), The Letters and the Life of Francis Bacon, vol. 4 (Londres: Longmans, Greem, Reader & Dyer, 1868), p. 400.

revanche. Tudo é feito com a finalidade de reconciliação, para convidar todos ao banquete da civilização, numa união repleta de diversidade, que não se guiará pelo ódio.

Para Tomás de Aquino, a esperança tende em direção a algum bem, como àquilo que seja possível obter com alguma certeza. "Que seja bom, pelo qual difira do temor; que seja um bem futuro, pelo qual difira da alegria e do prazer; que seja um bem difícil, pelo qual difira do desejo; que seja um bem possível, pelo qual difira do desespero"[131] – registra Aquino. Não nos esqueçamos: bom, futuro, difícil e possível. Qual é o bem maior? Uma constituição generosa para um povo que não perdeu a capacidade de acreditar num amanhã melhor. Em seguida, o acesso desembaraçado a direitos fundamentais, construídos por meio de um processo guiado pela esperança.

"Nunca perdi a esperança que essa grande transformação ocorreria"[132] – afirmou Nelson Mandela, quando viu o fim do nefasto *apartheid*. Só a esperança seria capaz de assegurar a continuidade da luta contra a discriminação. "A esperança não aflige a alma, pois é mais causa de prazer enquanto faz a coisa distante estar, de algum modo, presente, conforme a fé de adquirí-la" – afirma Tomás de Aquino, destacando que "o movimento natural quanto mais se aproxima do término, tanto mais se lança. E é o que semelhantemente ocorre com a esperança"[133]. Ela é o combustível que alimenta o movimento, que o estimula, permitindo que a marcha não perca o seu foco, nem se renda aos obstáculos com os quais lutas tão desafiadoras como estas tendem a se defrontar. Também é dessa esperança que se estabelece laços de ajuda comunitária, que protege os grupos cujos objetivos e ideais costumam ser comuns ou pelo menos próximos, dando legitimidade ao triunfo da felicidade coletiva.

---

[131] AQUINO, Tomás. A caridade, a correção fraterna e a esperança. Questões Disputadas sobre a Virtude. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Capinas: Ecclesiae, 2013, p. 198.

[132] MANDELA, Nelson. Longa Caminhada até a Liberdade. Tradução Paulo Roberto Maciel Santos. Curitiba: Nossa Cultura, 2012, p. 761.

[133] AQUINO, Tomás. A caridade, a correção fraterna e a esperança. Questões Disputadas sobre a Virtude. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Capinas: Ecclesiae, 2013, p. 198.

O constitucionalismo transformador

Para André Comte-Sponville, “o desejo é o gênero próximo, como diria Aristóteles, do qual a esperança é uma espécie”. Seria um desejo referente ao que não temos, ou ao que não é: “na maioria das vezes, a esperança se refere ao futuro, porque o futuro nunca está aqui, porque do futuro, por definição, não temos o gozo efetivo”[134]. Estamos falando, portanto, de um caminho dirigido ao amanhã, às futuras gerações, às pessoas que compreenderão que a luta não foi à toa, que ela se fez necessária porque não era mais possível viver da forma como se vivia.

Segundo Jürgen Moltmann, o agir sustentado pela esperança é um fazer livre, não forçado, que concede à fé não só asas, mas leva também à resistência e à persistência. Isso a diferencia “de uma simples expectativa ou de uma espera paciente. Onde todos os sentidos ficam atentos, a razão humana se torna perturbadora de um saber transformador”. Quando Moltmann afirma que a esperança é diferente de uma simples expectativa, ele deixa claro o papel do engajamento popular, instrumento fundamental para a conquista de direitos fundamentais. “A esperança desperta o nosso senso de possibilidade”[135] – afirma Moltmann.

Além disso, enaltece o papel da resistência como postura compatível com a busca por um futuro melhor baseada na esperança. Isso resulta no que se chama, na África do Sul, de constitucionalismo transformador que, para Karl Klare, é comparável a um agente cuja missão é induzir mudanças sociais por meio do processo político, sem violência e com base legal.

---

[134] COMTE-SPONVILLE, André. A felicidade, desesperadamente. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 50.

[135] MOLTMANN, Jürgen. Ética da Esperança. Tradução de Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 15.

“A Constituição sul-africana (...) é social, redistributiva, carinhosa, positiva, pelo menos em parte horizontal, participativa, multi-cultural e auto-consciente sobre seu contexto histórico e o seu papel de transformação” – diz Karl Klare. Para ele, o projeto transformador visa “guiar as instituições políticas e sociais de um país e as relações de poder a uma direção democrática, participativa e igualitária”[136].

Há, então, um compromisso constante com o amanhã, com as futuras gerações, pois tudo o que se faz, na maior parte das vezes, não é desfrutado por quem iniciou esta marcha, mas por pessoas que, beneficiadas por esta iniciativa, puderam dar continuidade à luta por direitos baseada na esperança e, então, viram a felicidade coletiva triunfar ao final.

Precisamos de um pouco de *Ubuntu*

A África do Sul mostrou que a esperança é uma emoção fundamental para um povo oprimido. Ela propicia o engajamento que mantém vivo o senso de comunidade, o que eles chamam de *Ubuntu*, uma filosofia africana que foca nas alianças e relacionamento das pessoas. “Eu sou, porque nós somos” – dizem os sul-africanos. Essa concepção é dividida por Stéphane Hessel e Edgar Morin, para quem “o querer-viver alimenta o bem-viver, o bem-viver alimenta o querer-viver. Juntos, um e outro abrem o caminho da esperança”[137].

Incorporado como um dos princípios fundamentais da África do Sul, o conceito do *Ubuntu* também é utilizado para enfatizar a necessidade da união e do consenso nas tomadas de decisão, bem como na ética humanitária envolvida nessas

---

[136] KLARE, K. E. Legal Culture and Transformative Constitutionalism (1998) 14 SAJHR 146.

[137] HESSEL, Stéphane. MORIN, Edgar. O caminho da esperança. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 61.

decisões. A união do grupo com os laços de auto-ajuda contribui para a manutenção da harmonia e para a retomada da esperança.

Estamos colocando o medo de lado e marchando rumo às nossas aspirações legítimas por um governo menos cínico, um capitalismo mais humano, uma vida cultural que valorize o talento e o respeito à dignidade dos nossos concidadãos. Derrubamos o muro da inércia, enquanto os poderosos derrubam cidadãos inocentes. Levantaremos os inocentes, mas os poderosos jamais reconstruirão o muro da inércia.

Um ciclo jamais visto dos direitos fundamentais

Como previu Manuel Castells, estudar essas revoluções baseadas na esperança possibilita "identificar as sementes da mudança social espalhadas para outros contextos pelos ventos da esperança"[138]. A condição para que se forme uma massa, a partir dos membros casualmente unidos em uma multidão, é haver algo em comum nesses indivíduos. Estamos falando, segundo McDougall, de "um interesse partilhado num objeto, uma orientação afetiva semelhante em determinada situação e um certo grau de capacidade de influenciar uns aos outros".

Citando uma "massa psicológica" e as manifestações de uma "alma coletiva", McDougall chama a atenção para o mais importante fenômeno da formação da massa: o aumento de afetividade provocado no indivíduo. "Dificilmente os afetos dos homens se elevam, em outras condições, à altura que atingem numa massa, e é mesmo uma sensação prazerosa, para seus membros, entregar-se tão abertamente às suas paixões e fundir-se na massa, perdendo o sentimento da delimitação individual"[139]

---

[138] CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 24.

[139] MCDOUGALL, William. The Group Mind, 1920, p. 24. A citação vem de Freud, no seu Psicologia das massas e análise do eu e outros textos.

– aponta. Ele introduz, então, o que chama de “princípio de indução direta da emoção por meio da resposta simpática primitiva”, o que, para Freud, é o “contágio de sentimentos”, uma coação automática que torna-se tanto mais forte quanto maior for o número de pessoas em que pode ser notado simultaneamente o mesmo afeto. “A crítica do indivíduo silencia e ele se deixa levar por esse afeto. Mas nisso ele aumenta a excitação dos outros que agiram sobre ele, e assim a carga afetiva dos indivíduos se eleva por indução recíproca”[140] – anota Freud.

A luta por direitos fundamentais por parte das massas, baseada na esperança, é algo diverso de tudo o que o mundo já viu, pelo menos em termos de constitucionalismo moderno. É diferente dos forais na Inglaterra no século XIII, quando o que tivemos foi uma tensão extrema seguida de um acordo de cavalheiros. Também da Independência dos Estados Unidos, marcada pela liderança de um grupo com poder preocupado em defender a propriedade privada e encerrar o ciclo de submissão à monarquia. Distancia-se da Revolução Francesa, que abraçou a violência generalizada e, posteriormente, a revanche. Até mesmo da Independência do Brasil esses movimentos da esperança se diferenciam, pois são constituídos por grandes multidões às ruas, organizadas, cujos líderes máximos são munidos de um propósito de reconciliação, de longo prazo, consolidado por décadas de atividade persistente.

Os movimentos que lutam pelo acesso a direitos e por uma vida melhor, baseados na esperança, são diferentes da índole do Estado do bem-estar social que deu azo às constituições mexicana (1917) e alemã (1919), no começo do século XX e, claro, do movimento que resultou na Constituição Federal de 1988 dotada de novos direitos, como o meio ambiente ecologicamente equilibrado. Nenhum desses ciclos de revoluções e grandes movimentos políticos se revestiu das características que marcam o processo de independência dos países africanos em meados do século XX e, no que diz

[140] FREUD, Sigmund. FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 35-36.

respeito à África do Sul, do seu processo de transição para a democracia fundada pela Constituição de 1996. É, de fato, algo novo, porque insere, como lema, a reconciliação.

Direitos Fundamentais, Esperança e a África do Sul

A esperança é um elemento fundamental de aglutinação e persistência, capaz de fazer com que a coletividade suporte privações difíceis de ser sustentadas pelo indivíduo isoladamente. Gustave le Bon diz que "quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva". Ele diz ainda que "esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente". Para Le Bon, "certas idéias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa"[141].

O quê são direitos fundamentais? Para Dimitri Dimoulis e Leonardo Martins, são direitos público-subjetivos de pessoas (físicas ou jurídicas), constitucionalizados, cujo caráter normativo é supremo e que visam limitar o exercício do poder estatal em face da liberdade individual[142].

Oriunda de países com múltiplas feridas, esta acepção quanto ao que move o povo a lutar por direitos fundamentais nasce com o penoso processo de superação das dores do passado, por meio de uma luta perseverante, paciente, repleta de estratégias e apoios variados, principalmente de entidades como a Organização das

---

[141] BON, Gustave le. Psicologia das massas. Traduzido pelo dr. Rudolf Eisler, 2ª edição, 1912, p. 13. A citação vem de Freud, no seu Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. A obra de Le Bon pode ser lida na tradução de Mariana Sérvulo da Cunha, publicada pela Martins Fontes, em 2009.

[142] DIMOULIS, Dimitri. MARTINS, Leonardo. Teoria geral dos direitos fundamentais. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009, p. 46-47.

Nações Unidas (ONU). Não custa relembrar que, na véspera da condenação de Nelson Mandela, a ONU determinou que a África do Sul sofresse sanções internacionais em razão da manutenção do regime do *apartheid.*

A conexão, portanto, está feita: esperança e reconciliação, na construção dos direitos fundamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esperança uniu cidadãos extraordinários: Jawaharlal Nehru e Mahatma Gandhi na Índia; Nos Estados Unidos, Thomas Jefferson, Martin Luther King e Harvey Milk; e Albie Sachs e Nelson Mandela, na África do Sul. Eles são representações de milhares, milhões de pessoas que abraçaram essa emoção diante das muralhas de desespero que a força do poder colocou em seus caminhos. Não foi fácil.

A obra percorreu cenários diversos, lugares distantes e personagens desconhecidos para demonstrar que a esperança é uma emoção universal que tem dado o tom da construção contemporânea dos direitos fundamentais. Por meio dela, afasta-se o ódio do processo e possibilita-se que o resultado seja a reconciliação de uma gente que se divorciou do destino de união por circunstâncias cruéis alheias à sua vontade.

A *Construção dos Direitos Fundamentais e a Esperança: da África do Sul ao Brasil* apresentou lutas populares contra o *apartheid* na África do Sul, sob a liderança de Nelson Mandela, que culminou com a eleição presidencial quase 30 anos após sua prisão. Com a aprovação de uma Constituição generosa, em 1996, o país deu início a um projeto de reconciliação, tentando curar as feridas não cicatrizadas que foram deixadas por um modelo que acreditava ser possível subjugar uns pelos outros. A inspiração sul-africana, vinda do funeral de Nelson Mandela, trouxe à tona momentos de visível emoção, que abriram espaço para a reflexão acerca do Brasil, diante de uma grande onda de desesperança que se abate sobre todos atualmente.

A partir daí intercalou-se as acepções sobre a força da esperança como sentimento aglutinador das massas, com a roupagem teórica que o tema requer, passando por inúmeros episódios atuais da vida pública brasileira. São eles:

- Programa Bolsa Família
- Marcha das Vadias
- Jornada Mundial da Juventude

- Xereca Satânik – A Festa

- Putinhas Aborteiras

- Linchamentos

- Rachel Sheherazade

- Histeria partidária

- Yoani Sánchez

- Ministro Joaquim Barbosa

- Presidente Dilma Rouseff

- PT

- Motocicletas

- Programa Mais Médicos

- Constituinte exclusiva

- Protestos alugados

- Ganância nas manifestações cívicas

- Eike Batista

- Sistema prisional

- Especulação imobiliária urbana

- Copa do Mundo

- *Black Blocs*

Além disso, no início de cada novo capítulo havia um breve relato do funeral de Nelson Mandela, repleto de sentimentalidade, mostrando que a construção dos direitos fundamentais fiada na esperança é uma obra feita também de emoção. É o farol que guia a construção dos direitos fundamentais no nosso tempo.

O livro ajudou a compreender as razões pelas quais o ano de 2014 fecha um ciclo de desesperança. Além disso, mostra que outras nações, como a África do Sul, se viram diante do chamamento por reconciliação, uma postura nobre que parte de líderes que acreditam na força da esperança como instrumento de união, deixando de lado o ódio e, consequentemente, a revanche. Esta é uma crença da qual não devemos nos afastar jamais: a possibilidade de o povo, unido por um desejo agregador, alcançar a felicidade coletiva. Uma felicidade pela qual já começamos a lutar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEMOGLU, Daron. ROBINSON, James. Por que as nações fracassam: as origens do poder, da prosperidade e da pobreza. Tradução Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

AQUINO, Tomás. A caridade, a correção fraterna e a esperança. Questões Disputadas sobre a Virtude. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Capinas: Ecclesiae, 2013.

ARENDT, Hannah. Sobre a revolução. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BON, Gustave le. Psicologia das massas. Traduzido pelo dr. Rudolf Eisler, 2ª edição, 1912.

BOWEN, Jeremy. The Arab Uprisings: The People Want the Fall of the Regime. London: Simon & Schuster, 2012.

CANETTI, Elias. Massa e poder. Tradução Sérgio Tellarolli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COMTE-SPONVILLE, André. A felicidade, desesperadamente. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUTO, Mia. E se Obama fosse africano? E outras invenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DICKENS, Charles. Grandes esperanças. Tradução Daniel R. Lehman. São Paulo: Martin Claret, 2006, (Coleção a obra-prima de cada autor; 49. Série Ouro).

DIMOULIS, Dimitri. MARTINS, Leonardo. Teoria geral dos direitos fundamentais. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

DUBIN, Steve C. Spearheading Debate: Culture Wars & Uneasy Truces. Cape Town: Jacana, 2012.

BACON, Francis; SPEDDING, James (org), The Letters and the Life of Francis Bacon, vol. 4 (Londres: Longmans, Greem, Reader & Dyer, 1868).

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GODWIN, Peter. The Fear – The Last Days of Robert Mugabe. London: Picador, 2010.

HESSEL, Stéphane. MORIN, Edgar. O caminho da esperança. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HESSEL, Stéphane. Indignai-vos! Tradução Marli Peres. São Paulo: Leya, 2011.

HOLLAND, Heidi. Dinner with Mugabe: The untold story of a freedom fighter Who became a tyrant. Johannesburg: Penguin Books, 2009.

HONWANA, Alcinda. Youth and Revolution in Tunisia. London: Zed Books, 2013.

HUME, David. Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. Tradução Débora Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

JAMISON, Christopher. Como encontrar a felicidade. Tradução Maria Silvia Mourão Netto. Revisão da Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

KLARE, K. E. Legal Culture and Transformative Constitutionalism (1998) 14 SAJHR 146.

LLOSA, Mario Vargas. A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. Tradução, apresentação e notas Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2012.

MANDELA, Nelson. Longa Caminhada até a Liberdade. Tradução Paulo Roberto Maciel Santos. Curitiba: Nossa Cultura, 2012.

MCDOUGALL, William. The Group Mind, 1920.

MOLTMANN, Jürgen. Ética da Esperança. Tradução de Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOORCRAFT, Paul. Mugabe´s War Machine. Cape Town: Jonathan Ball Publishers, 2012.

NAÍM, Moisés. O fim do poder: nas salas da diretoria ou nos campos de batalha, em Igrejas ou Estados, por que estar no poder não é mais o que costumava ser? Tradução Luis Reyes Gil. São Paulo: LeYa, 2013.

ROSSI, Paolo. Esperanças. Tradução Cristina Sarteschi. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SACHS, Albie. The Strange Alchemy of Life and Law. London: Oxford University Press, 2009.

SANDEL, Michael J. Justiça – O que é fazer a coisa certa. Tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHMIDTZ, David. Os elementos da justiça. Tradução de William Lagos; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SPINOZA, Baruch de. Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar. Tradução e notas Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

WALZER, Michael. Política e paixão: rumo a um liberalismo mais igualitário. Tradução Patrícia de Freitas Ribeiro. Revisão da tradução Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.